

ISSN 2317-7705 (on-line)

# RAÍZES E RUMOS

**Trabalhos premiados  
22º Encontro de Extensão**



**v. 5 n. especial dezembro 2017**





**REITOR**

Prof. Dr. Luiz Pedro San Gil Jutuca

**VICE-REITOR**

Prof. Dr. Ricardo Silva Cardoso

**PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO E CULTURA**

Profa. Dra. Claudia Alessandra Fortes Aiub

**DIRETOR DE EXTENSÃO**

Prof. Dr. Antonio Andrade

**COORDENADORA DE CULTURA**

Profa. Dra. Naira Christofolletti Silveira

**EDITORA**

Profa. Dra. Naira Christofolletti Silveira

**EQUIPE EDITORIAL**

Bernardo Melibeu

Patricia Melo

# RAÍZES E RUMOS

v. 5 n. especial dezembro 2017

Rio de Janeiro

ISSN 2317-7705 (on-line)

RAÍZES E RUMOS	RIO DE JANEIRO	v. 5	N. ESP.	P. 169-???	DEZ. 2017
----------------	----------------	------	---------	------------	-----------

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Raízes e rumos. — Vol. 1, n. 1 (2013- ). — Rio de Janeiro :  
UNIRIO, 2013- .  
v. : il.

Semestral.

Revista oficial da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

Inicialmente publicada em formato impresso pelo Departamento de Extensão, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, ISSN 0104-7035 (impresso).

ISSN 2317-7705 (online)

1. EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA. 2. ENSINO. I. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Pró-Reitoria de Extensão e Cultura.

# SUMÁRIO

## EDITORIAL

- Trabalhos premiados no XXII Encontro de Extensão da UNIRIO** 173-174  
*Naira Christofoletti Silveira*

## ARTIGOS

- O programa teatro em comunidades e o deslocamento das fronteiras entre a educação formal e não formal.** 175-184

*Gustavo Henrique Custódio Wanderley; Marina Henriques Coutinho*

- Oficina de Teatro Circulando: ateliê de teatro para jovens com transtornos mentais** 185-195

*Adriana Ferreira Bonfatti; Joana Ribeiro da S. Tavares; Nathalia Katsivalis; Tavié Gonzalez; Felipe Xavier Aquino; Aline Vargas; Katiuscia Dantas; Marina Nagib; Luciano Lourenço Gonçalves; Alex Vieira; Janatna Baptista*

- Agricultura sustentável: a busca por alimentos mais saudáveis** 197-203

*Márcio Pereira Sampaio; César Luis Siqueira Junior*

- Big Band UNIRIO: potencializando resultados** 205-211

*Thiago Trajano; Clifford Korman*

- Aprendizado musical e matemática e sua prática no projeto de extensão Coro Juvenil UNIRIO** 213-215

*Jorge Potyguara de Castanheiro de Freitas; Julio Moretzsohn*

- Oficinas terapêuticas na atenção primária: um relato de experiência** 217-222

*Mariana Martins Lopes de Souza; Sandy Valim de Souza; Rosane Mello*

- Entendendo e ensinando sobre Síndrome de Down** 223-228

*Adriano Baggio Nardes; Mariana Balardino Bogado Faria; Bruna Suzarte Campelo; Sônia Regina Middleton; Suely Rodrigues dos Santos; Carmen Lucia Antão Paiva*

- Roda de conversa: multiplicando saberes para o enfrentamento da sífilis** 229-234

*Maria Beatriz de Assis Veiga; Beatriz Lima Pereira Leite; Marcelle Sampaio de Freitas Guimarães; Selma Villas; Boas Teixeira; Leila Rangel da Silva*



## Trabalhos premiados no XXII Encontro de Extensão da UNIRIO

**Naira Christofolletti Silveira**

A revista *Raízes e Rumos*, publicada pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROExC), da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), inaugura seu primeiro número especial com os trabalhos premiados no XXII Encontro de Extensão da UNIRIO.

O XXII Encontro de Extensão ocorreu entre os dias 23 a 27 de outubro de 2017 como parte da XV Semana de Integração Acadêmica (SIA), que agrega diversos eventos na Universidade.

Em 2017 foram apresentados os programas e projetos cadastrados na PROExC nas seguintes categorias: apresentação oral; apresentação artística; apresentação em painel (pôster); roda de conversa ou mesa redonda. Essas foram as cinco categorias que concorriam a prêmios, mas os programas e projetos também poderiam ofertar minicursos, palestras ou outras atividades.

Embora nem todos os programas e projetos tenham sido apresentados durante a semana, a participação dos envolvidos foi muito ampla, sendo aproximadamente 135 apresentações orais, 57 apresentações em painel/pôsteres, 13 apresentações artísticas; 10 mesas redondas e 6 rodas de conversa.

No encerramento da Semana de Integração Acadêmica foram premiados os trabalhos melhores avaliados, ao todo foram 10 programas/projetos premiados (UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, 2017), listados abaixo considerando o título e o coordenador do programa ou projeto:

- *1º Lugar apresentação oral*: Teatro em Comunidades, coordenado por Marina Henriques Coutinho
- *2º Lugar apresentação oral*: Oficina de teatro circulando: ateliê de teatro para jovens com transtornos mentais, coordenado por Adriana Ferreira Bonfatti
- *3º Lugar apresentação oral*: Agricultura Sustentável, coordenado por César Luis Siqueira Junior
- *1º Lugar apresentação artística*: Big Band na UNIRIO: interfaces com as diversas, coordenado por Clifford Korman
- *2º Lugar apresentação artística*: Coro Juvenil UNIRIO, coordenado por Julio Moretzohn
- Melhor roda de conversa*: Educação em saúde: perspectiva no âmbito da Saúde da Mulher, coordenado por Selma Villas Boas Teixeira
- *1º Lugar apresentação painel*: Saúde mental e atenção básica: desenvolvendo oficinas terapêuticas no Centro Municipal de Saúde Madre Tereza de Calcutá, coordenado por Rosâne Mello
- *2º Lugar apresentação painel*: Entendendo e ensinando sobre Síndrome de Down  
Coordenado por Carmen Lucia Antão Paiva
- *3º Lugar apresentação painel*: Coleção temática da flora do monumento natural dos morros do Pão-de-açúcar e Urca, coordenado por Laura Jane Moreira Santiago
- *Melhor mesa redonda*: Núcleo de assessoria jurídica popular Amarildo de Souza, coordenado por Jadir Anunciação de Brito

Ao longo desse número especial, nosso leitor poderá conhecer um pouco mais sobre cada um dos premiados.

Aos trabalhos premiados, parabéns!

Aos leitores de nossa revista, boa leitura!

## **Referências**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Pró-Reitoria de Extensão e Cultura. **Indicados para premiação da SAI 2017**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2017. Disponível em: <<http://www.unirio.br/proreitoriadeextensaoecultura/news/indicados-da-premiacao-da-sia-2017>>. Acesso em: 31 out. 2017



## O programa teatro em comunidades e o deslocamento das fronteiras entre a educação formal e não formal<sup>1</sup>

*The extension program theatre in communities and the displacement of the borders between formal and non-formal education*

**Gustavo Henrique Custódio Wanderley<sup>2</sup>**

### Resumo

O presente artigo investiga no Programa de Extensão Teatro em Comunidades a expressão de características da educação não formal em consonância à abordagem teatral, abrangendo uma série de indutores que auxiliam uma prática educativa em conversa com seu contexto e sujeitos. Atravessando a experiência formativa do autor como licenciando das artes cênicas e as possibilidades dialógicas ali vivenciadas, propõe-se uma leitura da educação para além do ambiente escolar; da arte teatral como catalisadora e mediadora de novas fronteiras e limites, entre universidade e cidade, educadores e educandos, centro e periferia. Consta como parte da pesquisa de Iniciação Científica em Ensino do Teatro e Educação não-formal durante o ano de 2015.

**Palavras-chave:** Educação não formal. Ensino do teatro. Teatro Aplicado

### Abstract

The present article investigates how the Extension Program Theater in Communities expresses characteristics of non-formal education in consonance with an approach using theatre, encompassing a series of motivations that can help an educational practice in dialogue with its context and subjects. Following the formative educational experience of the author as an art teacher, a reading of education processes beyond the school environment, of theatrical art as a catalyst and a mediator of new borders between the university and the city, between educators and learners, and between urban center and periphery, is proposed. It is part of research into theater pedagogy and non-formal education during the year 2015.

**Keywords:** Non formal education. Theatre Pedagogy. Applied Theatre.

---

<sup>1</sup> Texto resultante do programa/projeto premiado durante o XXII Encontro de Extensão, XV Semana de Integração Acadêmica da UNIRIO. Este artigo é resultado do programa coordenado pela Professora Marina Henriques Coutinho e é parte da monografia de mestrado de Gustavo Henrique Custódio Wanderley, que foi bolsista de iniciação científica (IC/UNIRIO), orientado pela Professora Marina Henriques Coutinho.

<sup>2</sup> Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) - Rio de Janeiro/RJ, Brasil.

Professor da Rede Municipal de Educação do Rio de Janeiro. Licenciado em Teatro pela UNIRIO em 2016. Atuou no Programa Teatro em Comunidades em 2013 e 2014.

e-mail: gughw@outlook.com

Há no curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) algumas peculiaridades bastante positivas em relação a outros cursos de formação de professores: além das disciplinas da Escola de Educação (como Didática, Linguagem Brasileira de Sinais, Dinâmica da Organização Escolar, Currículo, etc.), os estudantes também frequentam aulas para discussão de metodologias e questões próprias do ensino da linguagem teatral (Metodologias do Ensino do Teatro I-IV, Movimento e Pedagogia, entre outras); há um evento anual, a Semana de Ensino do Teatro, na qual todo o corpo docente e discente se reúne com convidados para discutir temas relacionados à educação e ao teatro; e os projetos de extensão do curso, que tanto corporificam a prática do ensino teatral fomentando as discussões teóricas dentro da Universidade, como abrangem para outros espaços e sujeitos da cidade o desenvolvimento de pesquisas realizadas no âmbito da graduação.

Observando com atenção, constata-se em todos os projetos o trabalho com grupos marginalizados da esfera social e da prática e contato com a linguagem teatral. São eles: o Projeto Renascer, que realiza um trabalho com pessoas da terceira idade em um espaço cedido pelo Hospital Universitário Gaffrée e Guinle, na zona norte da cidade; o Hospital como Universo Cênico, que leva aos pacientes do Hospital da Lagoa a apresentação de cenas e músicas; Teatro na Prisão, que realiza aulas com detentos em penitenciárias do Rio de Janeiro; o Projeto Circulando, que apesar de estar inscrito no departamento de Atuação Cênica, envolve estudantes do curso de licenciatura em um trabalho voltado a sujeitos com algum grau do espectro autista; e o Programa Teatro em Comunidades, que desenvolve aulas de teatro em comunidades do Complexo da Maré e na Penha. Deste último, tive a oportunidade de participar durante dois anos da minha vida universitária (de 2013 a 2014) e acredito que, a partir dessa experiência, tenho mais propriedade para investigar alguns aspectos de sua prática e seus alcances, tal como pontos que não só tocam os outros projetos, mas colaboram para repensar a prática do teatro dentro na escola. Atualmente, já como professor da Rede Municipal do Rio de Janeiro, o olhar sobre esse percurso formativo e sua estrutura, muito me auxilia como mediador na transformação de uma sala de aula em muitos aspectos asfixiada pelo sistema de ensino. Assim, de que maneiras podemos nos lançar sobre essa experiência e perceber nela contradispositivos, indutores, para a revisão do ensino das artes dentro do ensino formal?

Primeiramente, o nome do programa já garante muitos devaneios. Teatro em Comunidades vai além daquele que se dá no âmbito da periferia, no qual a expressão artística atravessa os limites de uma cidade partida para acessar e ser acessada por grupos apartados do protagonismo social, midiático, cultural e hegemônico de sua “zona sul”. Mais ainda: propicia a criação de outras comunidades, ao juntar indivíduos de diferentes contextos em um ambiente no qual o diálogo a partir da linguagem teatral é chave mestra. Há aqui a permissividade para a criação e percepção de diversas realidades, partindo da potência dos jogos teatrais.

Iniciado no ano de 2011 sob a coordenação da professora doutora Marina Henriques Coutinho, o programa, naquela época projeto de extensão, surgiu como um braço de sua pesquisa em teatro aplicado, *applied theatre*. Numa parceria entre a UNIRIO, a Redes de Desenvolvimento da Maré, uma das OSCIPs (Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público) de maior importância dentro da cidade do Rio de Janeiro, gerida e frequentada por moradores da própria Maré, e o Observatório de Favelas. O programa ainda está vinculado a três espaços nos quais são desenvolvidas suas atividades: o Centro Municipal de Saúde Américo Veloso, em Ramos, com dois núcleos, sendo o primeiro com uma turma de adolescentes e o segundo de adultos, e supervisionado pela professora e fonoaudióloga Clarisse Lopes, da Universidade Estácio de Sá, e professora Elza Andrade, da UNIRIO; o Centro de Artes da Maré, na Nova Holanda, com uma turma de adolescentes; e, a partir de 2015, com a Arena Carioca Dicró, na Penha, com mais uma turma de jovens. Composto por uma teoria e uma prática que caminham coladas, o programa atendeu no último ano 75 participantes, além de 12 estudantes da graduação em Artes Cênicas e

mantém contínuas suas atividades nos próximos anos. Importante destacar que estão vinculados dois projetos às atividades do Programa, sendo eles: o Maré de Saúde, com atividades de promoção à saúde, e o Maré de Espetáculos, com foco na produção e apresentação dos resultados artísticos desenvolvidos em cada núcleo do Teatro em Comunidades.

Servindo mutuamente à criação de um ambiente para a prática dos licenciandos em teatro (que ao visarem ações educativas alternas ao ensino formal, podem tomar conhecimento da realidade de outros grupos e ampliar assim seus terrenos reflexivos), como à geração de um espaço que permita aos moradores locais o contato com o fazer teatral, são inúmeros os aspectos que residem nesse encontro e que colaboram para que repensemos os propósitos reais do exercício educativo.

Cada núcleo onde se desenvolvem os encontros é orientado por um grupo de estudantes da licenciatura que geralmente varia de dois a quatro indivíduos. São a maioria deles bolsistas de extensão, iniciação científica ou de incentivo acadêmico. Por vezes também são recebidos estudantes em fase de estágio supervisionado ou que se voluntariam. Ao início de cada ano, dando continuidade ao ciclo anterior e realizando alterações conforme demandas (como formatura ou entrada de novos membros), a coordenação realiza uma divisão de quem serão os orientadores de cada agrupamento.

Há já na formação desses pequenos grupos de orientação uma preocupação em aliar estudantes com mais tempo no projeto àqueles que estão dando início à experiência de facilitador. Ao abarcar um número máximo de licenciandos por núcleo possibilita-se o desenvolvimento de uma maior autonomia no ato de ensinar e reforça-se a legitimidade da troca com o outro. São confrontados e dialogados diferentes pontos de vistas sobre as maneiras de solucionar questões inerentes às turmas ou orientandos, quando se projetam os caminhos que cada núcleo construirá. Essa abertura se expõe tanto no momento da aula ao ceder espaço para o parceiro indicar comandos e propor conversas ou jogos, como no momento do planejamento dos encontros posteriores.

Semanalmente todos os licenciandos se reúnem à coordenação para expor questões das aulas passadas, trocarem experiências e ideias elaboradas a partir da prática em seus núcleos. Ali é oportunizado o contato com a realidade e processo de cada grupo, além de se fazer ouvir a opinião dos colegas que acompanham outro espaço. A troca de propostas oxigena a prática e torna o desafio menos assustador. O fato é que não há momento para que alguém se sinta tanto sem aporte como sem apoio, seja dos parceiros ou da coordenação, como de materiais para trabalhar em sala de aula, o que reforça o caráter comunitário dessa ação.

No vislumbre de diversos caminhos para propor uma aula, cada um dos núcleos segue um percurso singular. Por mais que cheguem a ser propostos jogos semelhantes, as pautas e contextos de cada encontro se aliam as particularidades tanto dos orientadores como dos orientandos, seja na maneira como se encaminham as conversas, os exercícios e as improvisações teatrais, seja nos temas que urgem discutir. É na imprevisibilidade de respostas ao plano de aula que as manhãs de sábado são gratas surpresas no Centro de Artes da Maré, no Centro Municipal de Saúde Américo Veloso ou na Arena Dicro.

Por parte dos orientandos os perfis dentro e entre os núcleos também são bastante singulares. Ainda que o espaço físico em torno dos polos componha uma atmosfera que os envolvam como comunidade, há em cada um deles um propósito diferente na escolha de participar das aulas: o anseio de se tornar ator/atriz; por ver naquele espaço um lugar onde pode ouvir e ser ouvido; por compartilhar com amigos e colegas a experiência de outras formas de olhar o mundo; ou mesmo pelo prazer de fazer arte. De fato, para além de desenvolver e permitir o contato com a linguagem teatral, há na escolha desses jovens e adultos uma vontade de compartilhar vivências e histórias, algo intrínseco às artes cênicas (principal mediador dessas relações).

Nesse movimento independente de obrigatoriedades, mora na opção pela participação um potencial ao desfazimento das fronteiras que delimitam os espaços da cidade e daquelas que compõem cada um dos sujeitos do espaço da aula (orientadores e orientandos). Esses encontros e

diálogos conclamam uma “zona de fronteira que, em si própria, é mais interessante que os dois (ou mais) lados que ela delimita, porque é nesse lugar único que as trans-ações são verdadeiramente possíveis” (FÉRAL, 2015, p.377)

Da abertura ao novo torna-se impossível uma fidelidade total a qualquer planejamento ou expectativa que se faça do processo. Há sem dúvida uma grande importância que, por parte dos orientadores, seja constantemente realizada uma avaliação processual e se conceba um esboço da estrutura do encontro (mesmo que lacunar pela imprevisibilidade do momento). Em colaboração a isso, há na postura dos licenciandos a generosidade de compreender seu papel de educador em processo de aprendizado. Para muitos de nós, vindo nesse lugar um primeiro contato com a prática de dar aula, esses passos iniciais abraçam não só um suporte por parte dos companheiros de grupo e da coordenação, mas dos próprios jovens que frequentam as aulas como orientandos. Ali, todos se enxergam constantemente aprendizes. Constante e continuamente.

Sendo uma ação que parte do território universitário para outras zonas da cidade, o programa não se limita, como muitas oficinas e cursos promovidos por agências do terceiro setor, a realizar, antes da própria atividade, uma propaganda de si mesma ou de se pretender salvaguarda daqueles “marginalizados”. É que aqui os propósitos dos participantes se enraizam nos diálogos e na criatividade coletiva que o encontro teatral media. E sendo em comunidade, no sentido mesmo do “fazer junto”, surge ali um novo contexto. Um contexto que extrapola a própria cidade, a universidade e a comunidade periférica. São tecidas redes entre as realidades dos estudantes universitários oriundos das mais diversas zonas da cidade (inclusive da própria Maré) e a dos jovens que frequentam as aulas.

Como lugar de experiência e visto por todos que ali tomam parte como tal, outro tópico que não pode ser esquecido é o fato de que há uma gana em explorar nas diversas metodologias reunidas pelos licenciandos, na universidade e em seus percursos artísticos, as possibilidades de dialogar com a instância da sala de aula. De fato nada é trazido para ali sem que haja uma conversa com todos os membros do grupo (parte licenciandos, parte orientandos) e com as temáticas que alinhavam os encontros.

Lembro com bastante clareza, no ano de 2014, no qual eu fazia parte do grupo de orientadores do núcleo do Centro de Artes da Maré (CAM), quando Giselle Santiago, uma das outras licenciandas, propôs que utilizássemos princípios do Rasabox para dar início ao processo do espetáculo de fim de ano. Como os outros orientadores nunca haviam trabalhado com essa prática, houve uma preocupação de que durante os planejamentos ela nos desse uma base do funcionamento da técnica e que, durante os encontros, participássemos juntos aos orientandos do curso adaptado.

Em resumo, este método foi idealizado entre os anos 1980 e 1990 pelo performer Richard Schechner como uma maneira de auxiliar performers a “acessarem, expressarem e controlarem seus sentimentos/emoções dentro do contexto performático”. Consiste em um grande tabuleiro quadrado dividido igualmente em nove partes e montado com fita crepe no espaço do palco. Cada parte, com exceção da central, corresponde a um diferente sentimento humano. Ao total, portanto, são oito emoções trabalhadas pelo jogo: amor, raiva, tristeza, maravilhamento, nojo, medo, alegria e coragem. Todos os jogadores se posicionam em volta dessa grande caixa. A principal regra é que, uma vez ultrapassado o limite da fita e posicionados dentro de uma das rasas, os jogadores devem se tomar pela energia da emoção ali correspondente. Por exemplo: uma vez na rasa da tristeza, todo o corpo do jogador deve expressar esse sentimento, de acordo aos comandos do orientador. Gradualmente, seguidas algumas etapas para adaptação ao jogo, tais como experimentar as emoções em cada parte do corpo; realizar exercícios em forma de coro dentro de determinado box; construir um diálogo corporal entre dois ou mais indivíduos, cada um em um registro emocional diferente, podem ser desenvolvidos infinitos exercícios de improvisação individual ou grupal que auxiliem na construção e compreensão subjetiva/expressiva de um personagem em diversas condições.

Já na primeira aula após as férias do meio do ano iniciamos o encontro de sábado com o



espaço demarcado. Os adolescentes chegaram eufóricos buscando entender do que se tratava. Após um aquecimento breve, todos nos posicionamos para um primeiro contato com o jogo, no qual Giselle explicou o funcionamento básico. Tendo parte de sua concepção em princípios orientais, cada rasa recebe uma nomeação em sânscrito, que traduz de maneira crua a essência daquelas emoções. Dividida em oito grupos, a turma confeccionou cartolinas com o nome original de cada rasa e em um primeiro contato, já posicionados os nomes em cada box, todos tiveram a oportunidade de desenhar nas cartolinas algo que remetesse àqueles sentimentos. Dessa forma, durante os jogos de improvisação no espaço cênico, ao olhar para as quadras, não evocaríamos nosso senso comum para cada um daqueles sentimentos, mas matizes outras da alegria, da tristeza ou do nojo, a partir da decodificação dos desenhos e de um nome “estranho” a nós. O contato constante com o jogo, como uma linguagem, permitiria que com o tempo nos adaptássemos a sua forma e, posteriormente, a superássemos criativamente.

Após esse primeiro contato, ao final do encontro, foi questionado aos orientandos suas primeiras impressões sobre o Rasabox. Tendo a maioria expressado interesse em seguir com ele nos encontros posteriores, foi colocada a importância de estarem presentes em todas as aulas, pois estar inteirado da progressão de uso daquele método nos permitiria, mais para frente, usá-lo e superá-lo no processo criativo do espetáculo.

Com esse exemplo é possível extrair alguns questionamentos: 1) em que aspectos o fato de utilizar uma metodologia, a priori desconhecida pela maioria, trazida de outro contexto e imbuída de uma série de regras, pode ser um desafio a apropriação da mesma e adaptação às necessidades criativas do grupo?; 2) até que ponto a proposição, tendo partido do grupo de professores, realmente interessa aos orientandos, no sentido de conseguirem visualizar a longo prazo que a “repetição” daquele jogo implica um processo criativo no qual eles devem se sentir, e são, pertencentes?; 3) de que maneira o planejamento e formato das aulas permite um diálogo constante entre orientadores e orientandos numa concepção conjunta dos encontros?; 4) e, mais subjetivamente pensando, como a demarcação de fronteiras na cena, espelha e ao mesmo tempo colabora para a superação dos limites impostos a esses sujeitos no espaço da cidade e dentro de um processo artístico pedagógico?

De início é possível antecipar que quando trazido para o espaço do encontro, o método toma outras proporções e quaisquer de suas características limitadoras deixam de ser enxergadas como barreira, mas como amparo para o processo criativo. Portanto, metodologia seria a melhor maneira de nomear essa trans-ação artístico pedagógica. Assim, a bagagem trazida e apresentada por Giselle tanto a nós orientadores como à turma, já sofria naquele primeiro encontro uma adaptação de percurso e de expectativas por parte de todos. Fosse a partir da tradução individual do que são aquelas emoções nos corpos, sem que houvesse qualquer doutrinação, certo ou errado, ou na criação de novas maneiras de improvisar dentro das rasas surgida pelo imprevisto das reações ao jogo.

É assim que nos dissociamos de maneiras fixas de agir e reagir. Justamente por sermos, desde o princípio, disponíveis a ver nas reações aos planos, às avaliações, aos jogos, ao percurso de aprendizado como um todo, a riqueza que mora tanto no imprevisível como nas decisões de como prosseguir. E isso também nos leva a rever as finalidades de nossas ações: se para um de nós o desafio de encontrar no eu expressões que nunca havia investigado; no outro talvez uma possibilidade de repensar maneiras de orientar o jogo; de confrontar como os colegas dão corpo a um mesmo signo de maneira completamente diferente da minha; ou de confirmar meus limites no espaço teatral e como superá-los.

Por mais que o espaço delimitado para a realização do jogo colabore para que se pense em uma série de limitações, palavra que à primeira vista é completamente dispar do conceito de criatividade, o fato de ter noção de que o teatro é uma arte de transgressões e de permutas desloca qualquer dúvida sobre sua potência.

Com efeito, como em toda moldura, o enquadramento teatral é dotado de uma dinâmica dupla: visto do exterior garante a ordem; visto do interior autoriza todas, ou quase todas, as transgressões. 'A essência do teatro não está, antes de tudo, na capacidade de transgredir as normas estabelecidas pela natureza, o Estado e a sociedade? [...] Essa possibilidade de transgressão garante a liberdade cênica do ator e a potência do livre-arbítrio dos diversos participantes. [...] O jogo é ao mesmo tempo aquilo que autoriza e proíbe. Não é constituído por todas as liberdades. As liberdades que oferece são dadas por regras iniciais' (FERAL, 2015, p.97)

É no percurso dos encontros, na experimentação do espaço de jogo e dos desdobramentos na cena que as amarras iniciais vão se desatando e dando lugar a algo que não é mais só o jogo e nem só questionamentos sobre a ação teatral, mas ao como isso interfere em outros aspectos da realidade do grupo. Como amplia não só os horizontes dentro do próprio teatro, mas das vidas com as quais ele conversa.

Ainda incorporando, fora os núcleos, outras ações como idas ao teatro, os Encontrões e os Saraus, quando todos os grupos se reúnem ou para um aulão em conjunto promovido pelos licenciandos ou por um professor da UNIRIO, há a oportunidade de trabalhar com todos os participantes outras linguagens teatrais (como o melodrama, a performance e o teatro de rua). Somam-se assim um conjunto de ações que garantem a eles cada vez mais material para traduzir em cena os debates sobre seus contextos.

Aquele fora um ano em especial bastante conflituoso dentro da cidade e mais ainda dentro da Maré. O governo do estado e o exército estavam realizando ocupações para "pacificação" da comunidade em decorrência do mundial da FIFA. Uma pacificação bastante duvidosa por sinal. Os moradores, em grande maioria, pobres e negros, passaram a viver dias cada vez mais incertos e inseguros. Foram obrigados a conviver com a iminência da agressão policial, que atacava e revistava a grande maioria como bandidos em potencial; a dividir as ruas com tanques de guerra e fuzis; presenciar a troca de tiros entre traficantes e polícias durante dia e noite; a viver sob a sombra do medo. As respostas foram diversas. A comunidade chegou a realizar algumas manifestações em protesto à atitude do governo e à morte de pessoas inocentes, mas ainda assim as UPPs (Unidades de Polícia Pacificadora) permaneceram naquele território.

Afetando diretamente a rotina dos que frequentavam as aulas e também a incerteza do encontro nas manhãs de sábado, tais situações foram bastante abordadas nos debates e na cena do grupo. Assim sendo, sugerimos ensaiar a peça "A Alma Boa de Setsuan", do dramaturgo e diretor alemão Bertolt Brecht. Em paralelo ao trabalho com o Rasabox, fomos trazendo elementos dessa peça que, pelo seu enredo, conversavam bastante com as questões que debatíamos durante o encontro: o caráter humano; a relação com o Capital; a inexistência de maniqueísmos nas relações sociais, onde o olhar sobre o outro reitera pontos de vista infinitos; relações de poder; etc.

Ou seja, toda essa série de acontecimentos e realizações acabaram por incidir sobre a proposta cênica abordada em sala. Isso colaborou para que um primeiro olhar dirigido ao jogo como algo incompatível com as temáticas mais urgentes logo fosse deglutido e resignificado às necessidades de todos. Aí sim o sentido dado a ele por cada um emerge do espaço de encontro.

O espaço como trabalho sobre o sentido. Ele é o que é representado em sua realidade imediata; é também o que representa ou aquilo que os jogadores esforçam para fazê-lo representar. Assim começa o trabalho sobre a noção de metáfora, as formidáveis variações em torno do sentido. Tudo se torna possível a partir de um mesmo cadinho. [...] O jogo é um meio de 'recarregar' os espaços. (RYNGAERT, 2009, p.128)

É um meio de recarregar os espaços não só que o circundam (a Maré, a UNIRIO, o Rio de Janeiro e todos aqueles sujeitos), mas do próprio jogo. Deixa ali de ser somente um jogo de regras a

ser realizado, mas algo que alimenta os sentidos do encontro. Ou seja, ele é ao mesmo tempo material de aprendizado da linguagem teatral, de debate e de mediação do movimento criativo de cada um daqueles sujeitos. Ao praticar o diálogo também se endossa que o corpo agente, ao passo que dá vida à cena, imprima em si mesmo a memorização significativa daquela linguagem.

Como facilitadores é inevitável durante o exercer de nossas tarefas que se busque pensar as melhores maneiras de acessar pelo uso da linguagem trabalhada todo ou grande parte do repertório trazido pelos educandos. E nem sempre as respostas aos estímulos reproduzem as expectativas que colocamos no processo. O mesmo se faz no caminho inverso. Não só da proposta dos educadores é dado vida à sala de aula.

Não era raro que alguns dos orientandos mais interessados trouxessem propostas para a continuidade do processo do espetáculo. Outros demandavam mais um direcionamento nosso. E balancear esses mecanismos também se mostrou uma tarefa instigadora para nós, no sentido de tentar manter nos encontros um espaço de construção democrática e sem uma excessiva dependência de que fossemos somente nós os proponentes da ação artística.

O fato de não haver a obrigatoriedade que a escola carrega no que se refere à assiduidade, a uma avaliação numerada ou ao alcance de determinados conteúdos fixados pelo currículo, também abarca a necessidade de uma conscientização constante sobre a importância da presença nos encontros. Isso tanto para os jovens como para nós orientadores. O que acaba por tornar o desafio de manter a potência dessa comunhão em sua maior carga, tanto para que se preserve vivo o interesse e o prazer pela participação, como para que a evasão não seja um sintoma de que o jovem não sentisse pertencente àquele local.

É claro que como em todo processo educativo e/ou artístico é preciso trabalhar com as frustrações. Nem sempre é possível abarcar os anseios de todos os envolvidos. Sendo um trabalho coletivo, são constantemente debatidas nas conversas e avaliações ao final de cada encontro as melhores opções de seguir o rumo do processo de uma maneira interessante a todos. Cabe, portanto, a nós, facilitadores, a tarefa de alinhar tanto os nossos objetivos quanto o deles.

A constante articulação entre orientadores e orientandos garante que ali passe a ser uma zona onde as hierarquias da sala de aula se dissipam. Aqui “o espaço torna-se intersticial para as pessoas. O cruzamento de fronteiras é o que conecta e não o que separa. Ele permite trans-ações reais, baseadas não em trocas dicotômicas ou de via única, mas um network de movimentos e trocas” (FERAL, 2015, p.370).

A progressão da autonomia dos membros desse espaço que em sua não formalidade é pensado e executado com bastante propriedade e solicitude, induz que a responsabilidade sobre a concretização do processo caiba visivelmente a todos. E a presença desse motivo reforça no Programa não uma ação que ali se construiu pela “carência”, mas pela potência criativa inexplorada, fosse por negligência do poder público ou pela marginalização daqueles sujeitos, que propõe soluções e superações no diálogo entre aqueles cidadãos. Numa esfera onde o “nós” se sobrepõe à dicotomia “eu-eles”, reside uma revolução não só na lógica que cristaliza o papel do mestre e do pupilo, mas dos indivíduos que são taxados de acordo com o espaço geopolítico que ocupam na urbe.

Sendo questão tanto do papel no espaço educativo e artístico, como em relação às áreas da cidade que acessamos, ocupamos e pertencemos, institui-se uma porosidade na qual, pelas brechas extrapola-se o que é espaço de aprendizado e o que não é. Nas idas ao teatro; nas apresentações e encontros na UNIRIO; nas oficinas promovidas pelo CAM divulgadas aos adolescentes durante os encontros; nas manifestações nas ruas contra um governo e polícias desumanos, promovem-se interlocuções e diálogos com a ação que são essenciais na constituição identitária tanto do projeto como de todos os seus sujeitos.

Rizomado, se assim pudermos dizer, o fazer teatral amplia todo universo de possibilidades nas outras esferas da vida desses indivíduos, ao reconhecerem no território e suas inserções dentro

dele as limitações impostas e as prováveis projeções de seus futuros. Como, por exemplo, o ingresso no ensino superior. Ademais, o convívio nessas diversas esferas colabora para o estreitamento dos laços, uma maior empatia com os sujeitos da convivência e, sobretudo, a criação de consciência que também se tece em rede. A plurissensorialidade que a cena teatral emana no processo do jogo e no ato do espetáculo vem colada com esses mais diversos estímulos sensoriais aos quais os corpos se expõem crítica, emocional e artisticamente. Subjetivamente e em comunidade.

Podemos dizer aí, que para além da própria categorização da esfera educacional em que o programa se abarca, é possível analisá-lo como espaço de trans-formação, no sentido de que, muito menos que reproduzir estruturas estabilizadoras ele se concebe no trânsito constante desses limites que pretende deslocar. Se em alguns aspectos o que se produz dentro da instituição escolar são incentivos a um movimento solitário no qual o indivíduo, menos que se constituir por uma oscilação entre o eu e a comunidade, baseia-se numa competitividade avaliativa e na abordagem de conteúdos que pouco conversam com sua realidade, há de se confirmar em todos esses caracteres positivamente indefinidos da prática dita não formal, um turning point sobre a quem, de que maneiras e a que nível de consciência subjetiva uma ação educativa (principalmente de linguagem artística) deve se pautar e se fazer. “A cultura individual permanece indissociável de uma cultura universal; os questionamentos de cada um reequacionam aqueles que a humanidade inteira se coloca sobre a vida, a morte, o medo e o amor.” (FÉRAL, 2015, p. 305)

Assim, um trabalho que visibiliza em sua teatralidade a contemplação dos limites em que está inscrito, responde não com o desfazimento das zonas limítrofes em que se inscreve, mas com o deslocamento dessas barreiras. Isso de maneira alguma é algo restrito a tal ação. Longe da tentativa de estipular modelos, ela se engaja nessa “vontade deliberada de ir de um ponto a outro”.

A contemporaneidade está mergulhada em um zeitgeist, como um espírito de seu tempo, exposto inclusive na natureza deste trabalho. Há um ímpeto positivo em questionar as contradições, os caracteres binários com os quais insistimos em rotular o mundo. Pela maneira que aprendemos a História que separa os seus sujeitos em heróis e anti-heróis, na própria Pedagogia que referenda suas esferas em categorias, na Literatura que se divide entre nobre e popular. Agora, há sempre uma desconfiança que pretende não só questionar, mas explorar as zonas que entremeiam os polos. E, como dito no título do ensaio de Josette Feral, “toda trans-ação conclama novas fronteiras”.

É nessas fronteiras que mora o ponto de partida para uma “nova paisagem inédita do visível” (RANCIÈRE, p. 65).

Se nos contentamos em salientar nas produções artísticas, sua adequação com o real ou com o discurso que elas possuem sobre o mundo, a démarche é certamente útil, mas corre o risco também de ter uma contribuição limitada; o trabalho da pesquisa só é interessante se ela consegue ler, descobrir, traçar dentro disso que nos é apresentado caminhos ainda inexplorados. (FÉRAL, 2015, p. 376)

Tal caráter acaba por instigar que as fronteiras demarcadas na cena, seja no caso do Rasabox ressignificado àquele contexto, ou de qualquer jogo cênico (incluindo o processo do espetáculo produzido ao final de cada ano), se tornem mais um mote a ser transpassado na constituição artística do grupo. O surgimento de novas propostas para o exercício cênico, até então desconhecidas, também serve como agente motivacional.

A progressividade do curso colabora ainda para pensarmos a linearidade de uma ação educativa. Apesar de o primeiro semestre de cada ano ser voltado mais para a investigação de jogos e improvisações cênicas desprendidas de um resultado final e o segundo se pautar no processo de ensaios de uma peça que retoma questões construídas durante todo o ano, a temporalidade do programa é menos uma linha reta evolutiva que um espiral progressivo. Ou seja, não há o entendimento de que ao final de cada ano os indivíduos daquela turma atingirão um nivelamento ou maturidade artística



que impede, no ano seguinte, a entrada de novos membros “inexperientes”; ou mesmo que, durante o processo, não seja necessário retomar aspectos da linguagem teatral visitados anteriormente. Pelo contrário. Essa característica torna válido que se vislumbre o aprendizado não como um pacote fechado a ser conquistado, mas como um “campo de experimentação criativa” passível de inscrição nos mais diversos contextos, que pode ser ocasionalmente retomado e reelaborado.

O fato também de conviverem jovens de faixas etárias diversas e com tempos diferentes no projeto viabiliza que, em contrapartida ao ambiente escolar, seja dada a importância àquela retomada de alguns motes pertinentes à cena e ao jogo, tanto como parte necessária ao processo dos que entraram mais recentemente, como na participação dos mais experientes para auxiliar, induzir e estimular estes novos membros. Essa convivência também colabora para que as relações ali criadas partam do diálogo sobre uma mesma realidade sob pontos de vistas ainda mais distintos, mas complementares. Disso é importante destacar que na trajetória do grupo, já conviveram desde crianças com 6-12 anos até adolescentes entre 14-18 anos e adultos.

Por fim, levando em consideração a ancoragem social na qual se baseia o Teatro em Comunidades, cabe dizer que em contrapartida às exclusões sociais que formatizam o espaço da cidade, o processo da chamada inclusão, longe de se basear numa estrutura de adaptação dos entes ditos “marginalizados” às amarras de uma cultura e classe dominantes, se regula pela criação de um ambiente no qual simultaneamente todos os seus participantes procuram partilhar e delimitar uma nova zona trans-cultural e sem hierarquias.

É destes múltiplos “vai e vens” trazidos pela experiência teatral que se acaba entrelaçando tanto uma valorização e alimentação das “realidades do imaginário”, sempre relacionadas com as estruturas subjetivas e comunitárias do indivíduo, às estruturas simbólicas inerentes a qualquer linguagem. E isso não se pode negar: sendo uma linguagem, o teatro carrega em si uma série de símbolos e simbologias a serem percebidos, retratados e reconstruídos.

Mediador e alvo da experiência educativa é ele um exemplo ímpar de estrutura dinâmica que atravessa ordens e desordens constantes. E isso é mesmo o que deve permear a educação que se pauta em seres entendidos na coletividade como múltiplos e idiossincráticos.

Nessa gangorra do saber, da qual os centros de gravidade são os questionamentos e a imprevisibilidade, residem, para além das algumas aqui apresentadas, infinitas brechas pelas quais podemos penetrar e retornar ao espaço escolar. Mas não àquele hermético, fechado em si mesmo. A outro espaço escolar que se entenda como “estrutura dissipadora”, cercado e ao mesmo tempo diluído na realidade em que subsiste e com a qual conversa.

Reiterada a positividade de um projeto não formal de educação artística, penso que, para além de nivelá-lo seja por eficácia, seja por amplitude, em relação à maneira como grande parte das instituições formais constituem seus processos educativos, podemos vislumbrar no exemplo apresentado uma série de fatores que, mais do que contribuir para desqualificar a instituição escolar, podem funcionar como contra dispositivos na tentativa de repensá-la.

Atualmente, já tendo finalizado meu percurso dentro da graduação e estando professor na rede municipal de ensino do Rio de Janeiro, é impossível pensar minha prática no âmbito do tido como ensino formal deslocada desse saber experienciado como facilitador dentro do projeto Teatro em Comunidades. Sem dúvida a criação de interesse e a busca pelo imprevisível, pelo diálogo, pelo atravessamento, fortalecem o encontro com as crianças e adolescentes que dão vida à sala de aula.

De tudo isso, seria possível usar mais uma série de argumentos para defender esta e tantas outras ações educativas que se erigem desvinculadas da escola. De fato o peso que damos à educação escolar, tanto retira das outras esferas da vida (família, comunidades, cursos extracurriculares, etc.) a importância “formativa” nelas presentes, como as diminuem em relação à primeira. Além de fortalecer a necessidade de criar mais espaços educativos e artísticos como o do Teatro em Comunidades e dos outros projetos de extensão do curso de Licenciatura em Teatro da UNIRIO, urge pensar como

tais características podem passar a ser percebidas, concomitantemente, dentro do espaço escolar. Isso colabora para reforçar o diálogo da instituição com os seus, pensando-o como espaço mutável, prazeroso, de possibilidades e consciente de si mesmo. Pois acima de tudo, como aponta Rubem Alves, a escola como ambiente de aprendizado e crescimento precisa entender que antes da ferramenta vem o prazer.

## **Referências**

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Chapecó, SC: Argos, 2009.

COUTINHO, Marina Henriques. O uso da abordagem dialógica do teatro em comunidades na experiência do Grupo Nós do Morro, da favela do Vidigal, no Rio de Janeiro. **InterAÇÕES: Cultura e Comunidade**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, 2006. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/interacoes/article/viewFile/6755/6178>>. Acesso em: 16 fev. 2016.

COUTINHO, Marina Henriques (Org.). **Programa Teatro em Comunidades**. Rio de Janeiro: UNIRIO/CLA/PROExC, 2015.

FÉRAL, Josette. **Além dos Limites: teoria e prática do teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

RANCIÈRE, Jacques. **O Espectador Emancipado**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

RYNGAERT, Jean-Pierre. **Jogar, representar: práticas dramáticas e formação**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

## **Web Sites**

TEATRO EM COMUNIDADES. Disponível em: <<http://teatroemcomunidades.com.br/>>. Acesso em: 07 abr. 2016.

**Oficina de Teatro Circulando:  
experiências e trajetória de um ateliê de teatro para jovens com  
transtornos mentais na escola de teatro da UNIRIO<sup>1</sup>**

*The “Circulando” project:*

*the story of a theatre workshop for young adults with mental disorders at the Theatre School of UNIRIO*

**Adriana Ferreira Bonfatti<sup>2</sup>**  
**Joana Ribeiro da S. Tavares<sup>3</sup>**  
**Nathalia Katsivalis<sup>4</sup>**  
**Tavie Gonzalez<sup>4</sup>**  
**Felipe Xavier Aquino<sup>4</sup>**  
**Aline Vargas<sup>4</sup>**  
**Katiuscia Dantas<sup>4</sup>**  
**Marina Nagib<sup>4</sup>**  
**Luciano Lourenço Gonçalves<sup>4</sup>**  
**Alex Vieira<sup>4</sup>**  
**Janaína Baptista<sup>4</sup>**

## Resumo

O projeto foi implantado em 2013 na UNIRIO, através de ateliês de teatro para jovens que sofrem de transtornos mentais (autistas e psicóticos). Em 2014 começou a oferecer ateliês para seus acompanhantes e familiares. Desenvolvido em âmbito interinstitucional, estabelece parceria com o projeto Circulando entre invenção: um novo dispositivo clínico para jovens autistas e psicóticos, coordenado pela profa. Dra. Ana Beatriz Freire, do Instituto de Psicologia da UFRJ. O projeto prepara um terreno fértil para ações interdisciplinares entre as áreas de Artes e Saúde Mental. O projeto Oficina de Teatro Circulando vem crescendo em meio acadêmico, tanto pela demanda da comunidade beneficiada quanto pela manifestação de interesse do corpo discente e docente, cada vez mais afeitos à questão da acessibilidade universitária para pessoas em situação de vulnerabilidade social. Os resultados compreendem a pesquisa, a produção e a disseminação de conhecimento em artes/educação.

**Palavras-chave:** Teatro. Acessibilidade. Autismo.

## Abstract

The project started in 2013 at the Theatre School of UNIRIO, by offering theatre workshops for young adults suffering from mental disorders (autism and psychosis). In 2014 we began offering workshops to their caregivers and family members too. Developed in an interinstitutional framework, this project is a collaboration with the project Circulating between invention: a new clinical device for autistic and psychotic youth, coordinated by Prof. Ana Beatriz Freire, of the Institute of Psychology of the Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ). It prepares a breeding ground for crossdisciplinary interactions between the areas of the Arts and Mental health. The project Oficina de Teatro Circulando is growing, as is manifest in the growing demand of the benefiting community, as well as in the interest shown by students and faculty of the institutions involved, increasingly aware as they are of the issues of University access for people in vulnerable situations. The results of the project include research and the production and dissemination of knowledge in the arts/special education.

**Keywords:** Theatre. Accessibility. Autism.

<sup>1</sup> Texto resultante do programa/projeto premiado durante o XXII Encontro de Extensão, XV Semana de Integração Acadêmica da UNIRIO.

<sup>2</sup> Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) - Rio de Janeiro/RJ, Brasil.

Coord. do projeto Circulando. Dep. de Interpretação Teatral. Escola de Teatro. Professora Mestre.  
e-mail: adribonfatti@gmail.com

<sup>3</sup> Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) - Rio de Janeiro/RJ, Brasil.

Vice-coordenadora projeto Circulando. Departamento de Interpretação Teatral. Escola de Teatro. Professora Doutora.  
e-mail: jr098343@gmail.com

<sup>4</sup> Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) - Rio de Janeiro/RJ, Brasil.

Discentes participantes projeto Circulando.





A indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão é outra característica do projeto Circulando, que vem figurando em trabalhos de conclusão de curso (TCC)<sup>6</sup> de discentes. A produção de conhecimento oriunda tanto da experiência neste projeto, quanto da inserção profissional de egressos(as) no campo da educação especial reverbera, atualmente, em dois projetos de pesquisa<sup>7</sup> no âmbito da pós-graduação em Artes Cênicas (Mestrado Acadêmico). Já a equipe parceira, composta por discentes, docentes e pesquisadores(as) vinculados ao Instituto de Psicologia (Graduação) e ao Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica da UFRJ, publicou, entre outros, o livro *Circulando: jovens e suas invenções no autismo e na psicose* (2014). Organizada por Ana Beatriz Freire e Fábio Malcher, coordenadores da equipe da psicologia, esta coletânea abrange artigos de base sobre o projeto. Dentre eles, o texto *Teatro com autistas: experiência no Ateliê de Teatro do Projeto Circulando* (2014), escrito pelos egressos da Escola de Teatro, Aline Vargas e Caito Guimaraens, responsáveis junto ao Teatro de Operações<sup>8</sup>, pela gênese<sup>9</sup> do ateliê de teatro Circulando na UNIRIO.

A partir de 2016, a Oficina de Teatro Circulando produziu performances com apresentações intra e extramuros, agregando oficineiros(as), participantes, familiares e acompanhantes, como é o caso das performances *Zine Feminista* em 2017, orientada por Aline Vargas (PPGAC/UFRJ) e *Qualquer loucura é melhor do que não fazer nada!*, em 2016, coordenada pelo Teatro de Operações. Trata-se de performances criadas originalmente para integrar a programação dos Encontros<sup>10</sup>

Figura 2 - I Encontro com Autismo Circulando, 2016.

**PROGRAMAÇÃO**

**\_SEXTA 8 DE ABRIL\_**

**12h** - CIRCULANDO OPERAÇÕES: “Qualquer loucura é melhor do que não fazer nada!”, investigação cênica sobre loucura e saúde mental, no Jardim do CLA.

**13h** - SARAU CIRCULANDO! Apresentações artísticas de familiares do Circulando e dos oficineiros.

**14h** - RODA “Autismo em família + NESCAU!”, conversa com familiares sobre adaptação e inclusão.

**15h30** - FRAGMENTO *TeatroZine* (Teatro de Operações)

**16h** - RODA “Circulando e conversando com os autistas”, com Nathália Sabbagh Armony (CAPSi CARIM/IPUB/UFRJ), Maria Jacintho Costa da Franca (CAPSi Maurício de Sousa-SMS), Ana Beatriz Freire (Circulando/UFRJ), Felipe Assuf (UFRJ) e Marlon Miguel (Paris VIII).

**18h** - RODA “Arte, ensino e inclusão”, com Carolina Moreira Ribeiro (IPUB/UFRJ), Doris Rangel Diogo (SES-RJ), Joana Ribeiro (Circulando/UNIRIO), Leni Siqueira (IPUB/UFRJ/CAPSi CARIM) e Cida Donato (ISERJ/UFRJ), com coordenação de Jeanne Marie de Leers Costa Ribeiro (EBP/PUC-Rio).

**\_SÁBADO, 9 DE ABRIL\_**

**12h** - PIQUENIQUE no Jardim do CLA!

**12h30** - CHORINHO semanal da Escola Portátil da UNIRIO, no Jardim (cancelado em caso de chuva)

**14h** - CINECLUBE Pipoca apresenta “O menino e o mundo” (dir. Alê Abreu/2013), no Audiovisual do 4º andar/CLA

**8 E 9 DE ABRIL DE 2016  
CLA / UNIRIO**

Fonte: Os Autores (2017).

6 VARGAS (2013); GONZALEZ (2014); SALLES (2014); VIANNA (2016) e BASTOS (2017).

7 GONZALEZ (2017-2019) e VARGAS (2017-2019).

8 Teatro de Operações é um coletivo que se dedica ao estudo do ativismo micropolítico e do teatro de rua. Disponível em < <http://www.teatro-deoperacoes.com/>>.

9 Sobre o histórico do projeto “Oficina de Teatro Circulando – Ateliê de Teatro para jovens com transtornos mentais” ver TAVARES (2014).

10 I Encontro com o Autismo Circulando (2016) e II Encontro Circulando com Autistas (2017). Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=Hc9kSS8Bkfw>>. Ver ainda: < <http://www.unirio.br/news/ii-encontro-com-autismo-interfaces-entre-arte-universidade-e-saude-mental-acontece-nos-dias-23-e-24-de-novembro>>.

Circulando com Autistas, evento anual, no qual o projeto mostra a sua produção artístico-científica através de Mesas de Debate, Mostra de Performances, Saraus, Oficinas e Exibição de Filmes. Os encontros, organizados por ambas as equipes – do teatro e da psicologia - contam com a participação de especialistas convidados, nacionais e estrangeiros, que trafegam entre as áreas de Artes, Educação e Saúde Mental, em prol da circulação de saberes e experiências.

Outros eventos comemorativos são realizados, como as já tradicionais festas juninas Circulando, em julho e a festa natalina, em dezembro, simbolizando os períodos de encerramento das atividades do primeiro e segundo semestre letivos, em clima de confraternização entre todos(as) participantes, oficinairos(as), coordenadores, familiares e acompanhantes; com atividades lúdicas, mostra de trabalhos finais, mesa farta, danças e música.

Desde 2013, quando organizou a Mesa de Debates Arte Ensino e Saúde Mental<sup>11</sup> durante o evento de extensão V Semana do Ensino no Teatro na UNIRIO, o projeto Circulando vem difundindo sua produção artístico-científica em eventos em âmbito nacional, como a 7<sup>a</sup> Reunião Científica da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas - ABRACE (2013) e o 6<sup>o</sup> Congresso Brasileiro de Extensão Universitária - CBEU na UFPA (2014), com suas decorrentes publicações. Outras apresentações são realizadas pelos egressos do projeto em festivais e encontros extramuros, como no Encontro Internacional Fernand Deligny - com, em torno e a partir das tentativas (PUC Rio), em 2016, e no Pontos Diversos - Encontros de Arte Acessível, no Teatro Municipal Maria Clara Machado, Planetário da Gávea (RJ), em 2017.

A experiência de ensino da equipe de oficinairos(as) da Escola de Teatro no Circulando desde sua implementação em 2013, deu continuidade aos ateliês de teatro iniciados pelo Teatro Operações, em 2010. Durante estes oito anos de ação ininterrupta, vários procedimentos vêm sendo levantados. É neste labor semanal, em sala de aula e nas áreas externas, como nos jardins, a cada encontro, que algo acontece.

Esta zona fronteira, em que se situa o projeto, requer estudos transdisciplinares entre as áreas de Artes Cênicas, Artes Integradas, Saúde Mental e Educação. No tocante à equipe de oficinairos(as) da Escola de Teatro da UNIRIO, a bibliografia utilizada contempla os estudos realizados ao longo do curso Bacharelado em Atuação Cênica, ao qual o projeto se vincula, conforme seu Projeto Político Pedagógico<sup>12</sup>. Noções de jogo teatral, jogo dramático e brincadeiras, segundo vertentes norte-americanas (SPOLIN, 1990), europeias (RYNGAERT, 2009) e brasileiras (BOAL, 1975 e 1989), estudadas nos cursos da Escola de Teatro, são friccionadas na prática dos ateliês de teatro com os(as) participantes.

O projeto orienta para leituras de base sobre o transtorno autista, através de autores como Barnett (2013), Cancino (2013), Deligny (2015), Durão (2008), Gradin (2015), Laurent (2014), Ribeiro (2013) e Ribeiro e Monteiro (2004). Por se tratar de uma ação interdisciplinar de continuidade, o projeto Circulando conta hoje com sua própria produção textual, que figura tanto em monografias de discentes, como: Vargas (2013), Gonzalez (2014), Salles (2014), Vianna (2016) e Bastos (2017); quanto em publicação dos docentes envolvidos, tais como: Tavares (2014), Bonfatti e Tavares (2017), Freire e Malcher (2014 e 2017).

A metodologia é pautada na utilização lúdica de objetos, na sensibilização musical, na percepção corporal, na dança, nas artes visuais, em jogos e brincadeiras, que operam como mediadores na comunicação com os autistas e psicóticos participantes. E reverberam na criação de microcenas, performances, contação de histórias e momentos de improvisos instantâneos, buscando desenvolver o aspecto cognitivo, expressivo, afetivo e social dos(as) participantes.

---

<sup>11</sup> A Mesa de Debates “Arte Ensino e Saúde Mental”(3h) ocorreu em 09 de abril de 2013, durante o evento de extensão V Semana do Ensino no Teatro. Para esta mesa foram convidados os especialistas: Profa. Dra. Angel Vianna (FAV), Profa. Dra. Ana Beatriz Freire (UFRJ), Profa. Dra. Marta Peres (UFRJ), Profa. Me. Márcia Feijó e o Dr. Vitor Pordeus (Instituto Nise da Silveira). Disponível em <<http://www2.unirio.br/unirio/cla/teatro/departamentos/departamento-de-ensino-do-teatro/eventos-promovidos-pelo-departamento/v-semana-do-ensino-do-teatro>>.

<sup>12</sup> Disponível em: <<http://www2.unirio.br/unirio/cla/teatro/atuacaoecnica/sobre-o-curso>>.

É importante notar que o projeto Circulando recebe jovens com diferentes espectros do transtorno autista, o que demanda um trabalho individualizado, inviabilizando a aplicação indiscriminada de um “método único”. Já os ateliês oferecidos aos seus acompanhantes e familiares compreendem a percepção musical, o trabalho corporal, atividades integradas às artes plásticas e a narração de histórias e memórias, buscando fortalecer a autoestima, a subjetividade e a expressividade deste grupo.

A avaliação dos(as) oficinairos(as) envolve atividades de: autoavaliação através de reuniões semanais entre os(as) discentes; reuniões mensais de acompanhamento com as coordenadoras do projeto Oficina de Teatro Circulando, as profas. Adriana Ferreira Bonfatti e Joana Ribeiro da S. Tavares; reuniões mensais de supervisão com a equipe de psicólogos da UFRJ, sob a coordenação da profa. Ana Beatriz Freire e a escrita de relatórios. Os resultados compreendem a pesquisa, a produção e a disseminação de conhecimento em Artes/Educação Especial em estreito diálogo com a Missão da UNIRIO, visando uma formação humanista, crítica e reflexiva, comprometida com a melhoria das condições de vida da sociedade.

O projeto Circulando vem crescendo na UNIRIO, tanto pela demanda da comunidade beneficiada quanto pelo interesse dos corpus discente e docente, cada vez mais afeitos à questão da acessibilidade universitária para pessoas em situação de vulnerabilidade social. Seu reconhecimento pode ser avaliado pelas premiações<sup>13</sup> (figuras 3, 4 e 5) recebidas desde sua implementação, em 2013, no campus do CLA.

Figura 3 - Premiação<sup>14</sup> - XIV SIA (2016).



*Certificamos que durante a XIV Semana de Integração Acadêmica e XXI Encontro de Extensão, o Projeto OFICINA DE TEATRO CIRCULANDO - ATELIÊ DE TEATRO PARA JOVENS COM TRANSTORNOS MENTAIS cadastrado na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, foi classificado em 1º lugar, como o melhor trabalho na modalidade Apresentação Oral.*

*Rio de Janeiro, 21 de outubro de 2016.*

Cláudia A. F. Aiúb  
Pró-Reitora de Extensão e Cultura

Fonte: Os Autores (2017).

<sup>13</sup> Premiação na modalidade “Apresentação oral”: XIV Semana de Integração Acadêmica e XXI Encontro de Extensão e Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, 2016; XV Semana de Integração Acadêmica - “Oficina de Teatro Circulando: Ateliê de teatro para jovens com transtornos mentais”.

<sup>14</sup> Certificado de premiação na XIV Semana de Integração Acadêmica e XXI Encontro de Extensão (2016)..



Figura 4 - Premiação<sup>15</sup> - XV SIA (2017).



Fonte: Os Autores (2017).

Figura 5 - Pôster premiado na XI Semana de Integração Acadêmica (2013).



Fonte: Os Autores (2013).

15 Certificado de premiação na XV Semana de Integração Acadêmica (2017).



Apresentamos, em seguida, alguns relatos de experiência dos(as) oficinairos(as) de teatro, que fazem esse projeto acontecer e se renovar a cada ano, abrindo os portões do Centro de Letras e Artes, as portas da sala de aula Nelly Laport e do Laboratório Artes do Movimento, ao qual ele se vincula, desde 2013, para que os(as) participantes, seus familiares e acompanhantes possam circular pelo ambiente acadêmico, fazendo arte!

### **Sobre o Autismo por Nathalia Katsivalis**

O autismo é considerado um Transtorno Invasivo do Desenvolvimento<sup>16</sup>. Lorna Wing descreveu o Tripé do Espectro Autístico, em três sintomas: falha na interação social recíproca; dificuldade na comunicação verbal e não verbal; comprometimento da imaginação, comportamento e interesses repetitivos (GIKOVATE, 2009). Esses sintomas, no entanto, podem se manifestar com várias intensidades, resultando em diversos graus de comprometimento encontrados no espectro. Não há exames ou marcadores biológicos capazes de identificar a síndrome (DURÃO, 2008). O diagnóstico é feito baseado na análise da história e comportamento de cada indivíduo. Em uma média de doze critérios para o diagnóstico de autismo, são necessários, minimamente, dois critérios de interação social, um de comunicação e um de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses e atividades.<sup>17</sup>

### **Métodos, planejamentos e caminhos por Tavie Gonzalez**

O transtorno autista se manifesta de forma bastante distinta em cada indivíduo, por isso, o trabalho na Oficina de Teatro Circulando precisa ser individualizado, partindo das questões específicas de cada aluno. O que impossibilita a aplicação de um “método único”, ou a elaboração de um planejamento prévio da aula. Ou seja, nosso plano é justamente não planejar. O que não significa que a Oficina de Teatro Circulando não possua um método para realização das aulas com os autistas, e sim que o método adotado consiste em estar aberto e preparado para reagir e se relacionar de acordo com o que os(as) alunos(as) propõem.

### **Desierarquização de saberes por Felipe Xavier Aquino**

Seria problemático preparar um plano de aula, com exercícios a serem executados, visando um resultado final, uma vez que muitas propostas são frequentemente ignoradas pelos(as) participantes. Notamos que eles(as) podem apresentar estados alterados, seja por questões familiares, viagens ou alterações em dosagens de medicamentos. Oficinairos(as) devem estar munidos de ferramentas, estratégias e estímulos os mais diversos. Espalhamos pela sala objetos que ajudam a estabelecer contato. Um estado constante de jogo entre oficinairos(as) e participantes, em que os primeiros assumem uma posição de escuta/passividade. Sobre isso, Caito Guimaraens, em seu Relatório do projeto Ateliê de Teatro para Autistas (UNIRIO, 2013), menciona uma desierarquização dos(as) proponentes, sempre atentos(as) ao retorno e propostas dos(as) participantes.

---

<sup>16</sup> Os Transtornos Invasivos do Desenvolvimento são o número 299.0 no DSM.V (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais) e compreendem o Transtorno do Espectro Autista, o Transtorno de Rett, o Transtorno Desintegrativo da Infância, o Transtorno de Asperger (que foi incorporado ao Espectro Autista no último DSM) e o Transtorno Invasivo do Desenvolvimento Sem Outra Especificação.

<sup>17</sup> American Psychiatric Association (APA). Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM IV TR. Tradução de Cláudia Dornelles. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

### **Mas o que fazer? por Aline Vargas.**

O que fazemos em relação ao teatro em nosso trabalho com os autistas é tentar conquistar a confiança de cada um, tentando verificar que acordos são possíveis de serem criados para estabelecer algum tipo de diálogo, eventualmente verbal - muitas vezes há jogo verbal, mas não enquanto troca de signos - talvez jogo de sonoridades e, às vezes, até confundindo significados de palavras.

### **Sobre o trabalho com objetos por Katuscia Dantas**

Abriu a sala e dispôs os objetos pelo espaço: bolas, bambolês, pinos de boliche, tecidos, perucas, fitas, sombrinhas, teclado de computador, leques, entre outros objetos inusitados; e também os instrumentos musicais: violão, pandeiro, agogô, chocalho, xequerê, xilofone, flauta doce, reco-reco... Tentamos criar um ambiente instigador, para que os encontros de teatro, tal qual uma centelha de vida (BROOK, 1999), aconteçam. A proposta é feita para que eles possam se interessar e interagir com os objetos que criam “vida própria” a partir da nossa manipulação, fazendo com que aconteça um encontro, onde os objetos funcionam como mediadores. Os objetos propõem uma abertura para se criar um laço social e acontecer o teatro, no breve instante de um centésimo de segundo!

### **No instante do jogo por Marina Nagib**

Inicialmente é preciso se entregar. Estar com o corpo presente e vivenciar de forma plena o instante, sem criticar ou teorizar o ocorrido. É num segundo momento, muitas vezes nas nossas reuniões pós-oficinas, que refletimos sobre como um determinado jogo influenciou tal participante, ou como uma experiência pôde unir a turma. É a partir dessas conversas que percebemos como um instante tão efêmero [de jogo] pôde ajudar ou problematizar a relação do participante com ele mesmo e com aqueles que os rodeiam.

### **Ainda sobre o Autismo por Nathalia Katsivalis**

Muitos são os indícios de que não há uma causa única, mas sim, fatores combinados que originariam o autismo (GIKOVATE, 2009). A síndrome “é encontrada em todo o mundo e em famílias de qualquer configuração racial, étnica e social”<sup>18</sup>. O autismo é quatro vezes mais comum em meninos que em meninas<sup>19</sup>, por isso, escolheu-se a cor azul para a sua representação simbólica para figurar, por exemplo, no dia do autismo. Não existe um tratamento curativo do autismo. A estimulação precoce e o tratamento por uma equipe multidisciplinar, voltada para as necessidades de cada um, tem sido o mais indicado.<sup>20</sup>

### **A música no jogo teatral por Luciano Lourenço Gonçalves**

Ao observar a interação dos participantes com determinado instrumento musical, percebemos que tanto a forma de tocar, quanto a maneira de se interessar pelo instrumento, ou som, indicava como eles se sentiam. Acreditamos que isso seja de grande importância, dado o fato de que o autismo é um transtorno que pode afetar a comunicação oral. A partir desta percepção, começamos a utilizar a música para propor estados no grupo. A música agitada, dançante, incentivava participantes

<sup>18</sup> RITVO ER., FREEMAN B.J., *National Society for Autistic Children's Definition of the Syndrome of Autism. Journal of the American Academy Children Psychiatry. Estados Unidos, v.17, p. 565-575, 1978.*

<sup>19</sup> Disponível em: <<http://www.ama.org.br/site/pt/definicao.html>>.

<sup>20</sup> Disponível em: <<http://www.autism-society.org/living-with-autism/autism-through-the-lifespan/infants-and-toddlers/early-intervention/>>.

desestimulados, enquanto que as músicas calmas eram um excelente “remédio” para apaziguar os mais nervosos e agitados. Os introspectivos, por sua vez, se mostravam atentos e interessados quando tocávamos músicas para eles, criando um raro vínculo comunicativo. A música estabelece comunicação e interação no Circulando, ressaltando o fato das oficinas oferecidas pelo projeto não privilegiarem apenas uma arte, mas sim, abordarem o teatro que engloba, de forma geral, todas as artes.

### **Dançar juntos... por Alex Vieira**

No primeiro momento não sabia como estabelecer contato com os(as) alunos(as), autistas-artistas, participantes da Oficina de Teatro Circulando. Foi quando percebi que todos(as) se expressavam através de gestos, ou signos corpóreos. Tais signos eram repetidos frequentemente, expressos em movimento e/ou através de sonoridades vocais. Durante uma oficina, F, um dos participantes mais introspectivos, que não interage com colegas e mal emite palavras, sentado no chão, olhou a própria imagem refletida no espelho da sala e começou a brincar com o que via: fazia caretas, emitia sons, e, em seguida, começou a fazer movimentos com os dedos da mão esquerda. Percebi a oportunidade de interagir e sentei ao seu lado, de frente para o espelho. Observei a sequência de movimentos que ele realizava e comecei a repetir. Fizemos aquilo durante uns cinco minutos. Ele no decorrer do tempo alternava o andamento. Era notório no semblante de F. um estado de alegria ao executar as ações, houve momentos em que ele emitiu um som em alto volume e sorriu. Ali estabelecemos uma conexão, um diálogo corporal construído por meio dessas ações físicas. Como em uma dança espontânea e despreziosa, que dançamos juntos.

### **Sobre os ateliês com os(as) acompanhantes por Aline Vargas**

Em abril de 2014 começamos o trabalho com um grupo de mães da oficina de sexta-feira. O trabalho foi voltado para o resgate de suas histórias, desejos e individualidades, em que partimos, principalmente, da relação com o feminino. Trabalhando com recorte e colagem, criamos caixinhas decoradas pelas lembranças relatadas nos encontros. Dividimos as histórias-relatos-imagens em três momentos: infância; adolescência e idade adulta. Foi um momento de troca e descoberta muito importante, para entendermos as demandas de um trabalho com os familiares. [...] Os encontros têm se mostrado cada vez mais potentes. Agora, as mães não levam apenas seus filhos para participar da Oficina de Teatro Circulando – elas também vão participar de uma oficina!

### **As memórias em cena por Janaína Baptista**

Nos encontros iniciais, em 2017, procurei conhecer melhor os familiares e acompanhantes dos(as) participantes (autistas), ouvindo e observando muito. Percebi que o primeiro passo seria formar “o grupo”. O afeto entrou em nossos encontros regados a cafezinhos e bolos, com aromas e sabores que convidavam à comunhão, ao riso e ao compartilhamento. Durante o processo, “acordavam” o corpo, jogavam e brincavam sem desconfiar de que já fazíamos teatro. As propostas não partiam do professor, mas de um mediador/incentivador. Eles(as) adoravam conversar sobre suas memórias, relembrar histórias, aparentemente esquecidas. Nesse momento, delineou-se a linha de trabalho que conduziria nosso percurso. A memória configurou-se como a matéria-prima do trabalho artístico e foi expressa sob diversas formas narrativas, tornado-se a mola propulsora do nosso processo de experimentação teatral. Percebi, através destes encontros criativos com familiares e acompanhantes, como as questões mais relevantes sobre o autismo e seu reflexo no dia a dia das famílias podem ser desdobradas e transformadas.

## **Referências**

BARNETT, Kristine Brillhante. **A inspiradora história de uma mãe e seu filho gênio e autista**. Trad. José Rubens Siqueira. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

\_\_\_\_\_. **200 exercícios e jogos para o ator e não-ator com vontade de dizer algo através do teatro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

BONFATTI, Adriana, TAVARES, Joana. **Oficina de Teatro Circulando: Ateliê de teatro para jovens com transtornos mentais**. Rio de Janeiro: UNIRIO/SIA, 2017.

BROOK, Peter. **A porta aberta**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

CANCINO, Miguel Higuera. **Transtornos do Desenvolvimento e da Comunicação: Autismo - Estratégias e Soluções Práticas**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013.

DELIGNY, Fernand. **O aracniano e outros textos**. São Paulo: N-1 Edições, 2015.

DURÃO, Fabiane Ferreira. **Técnicas corporais para facilitar a socialização de pacientes autistas**. Rio de Janeiro, 2008.

FREIRE, Ana Beatriz; MALCHER, Fabio (Orgs.). **Circulando: jovens e suas invenções no autismo e na psicose**. Rio de Janeiro: Subversos, 2014.

GIKOVATE, Carla Gruber. **Autismo: compreendendo para melhor incluir**. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 2009.

GIKOVATE, Carla; MOUSINHO, Renata. Espectro autístico e suas implicações educacionais. **Revista Sinpro-Rio**. Rio de Janeiro, ano 5, n. 6, 2004. p. 26-33.

GRANDIN, Temple. **O cérebro autista**. Rio de Janeiro: Record, 2015.

GUIMARAENS, Caito. **Relatório do projeto Ateliê de Teatro para Autistas**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2013.

KOUDELA, Ingrid Dormien. **Jogos teatrais**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

LAURENT, Eric. **A Batalha do Autismo: da clínica à política**. Trad. Claudia Berliner. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

MALCHER, Fábio. Circulando um corpo: o trabalho do jovem D. (No prelo). **Revista do CFCH**, Rio de Janeiro, Edição Especial SIAC, 2017. Disponível em <[www.revista.cfch.ufrj.br](http://www.revista.cfch.ufrj.br)>.

RIBEIRO, Jeanne. **A Criança Autista em Trabalho**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.



RIBEIRO, Jeanne; MONTEIRO, Katia (Orgs.). **Autismo e psicose na criança:** trajetórias clínicas. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2004.

RYNGAERT, Jean Pierre. **Jogar, representar.** São Paulo: Cosac Naify, 2009.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro.** São Paulo: Perspectiva, 1990.

VARGAS, Aline; GUIMARAENS, Caito. Teatro com autistas: experiência no Ateliê de Teatro do Projeto Circulando. In: FREIRE, Ana Beatriz; MALCHER, Fabio (Orgs.). **Circulando:** jovens e suas invenções no autismo e na psicose. Rio de Janeiro: Subversos, 2014.

TAVARES, Joana Ribeiro da Silva. Circulando: um espaço para jovens com transtornos mentais. In: VII REUNIÃO CIENTÍFICA DA ABRACE, 7., 2014. **Anais...** Belo Horizonte: ABRACE/UFMG, 2014.

### **Projetos de Mestrado Acadêmico**

GONZALEZ, Tavie. **A escola inclusiva e a disciplina de Artes/Teatro:** uma proposta de plano de ação. Rio de Janeiro: PPGAC/UNIRIO, 2017-2019. (Projeto de Mestrado).

VARGAS, Aline Rangel. **Teatro de Operações.** Rio de Janeiro: PPGAC/UFRJ, 2017-2019. (Projeto de Mestrado)

### **Trabalhos de Conclusão de Curso - TCC**

BASTOS, Leonardo. **Contramãos [ótimas] do Fluxo do Mundo.** Trabalho de Conclusão de Curso. (Licenciatura em Teatro)-Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/UNIRIO. Orientadora: Marina Henriques Coutinho, 2017.

GONZALEZ, Tavie de Miranda Ribeiro. **O não-método como método na Oficina de Teatro Circulando:** uma experiência no ensino de teatro para jovens com transtornos mentais. Trabalho de Conclusão de Curso. (Licenciatura em Teatro)-Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/UNIRIO. Orientadora: Joana Ribeiro da S. Tavares, 2014.

SALLES, Nathalia Katsivalis. **Circulando entre experiências de teatro:** um ateliê de teatro para jovens autistas. Trabalho de Conclusão de Curso. (Licenciatura em Teatro)-Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/UNIRIO. Orientadora: Joana Ribeiro da S. Tavares, 2014.

VARGAS, Aline Rangel. **E quem educa, o que aprende?** Trabalho de Conclusão de Curso. (Licenciatura em Teatro)-Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/UNIRIO. Orientadora: Lucia Helena de Freitas (Gyata), 2013.

VIANNA, Luísa. **Teatro e Autismo.** Uma experiência jornalística e artística na Oficina de Teatro do projeto Circulando. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) - Universidade Federal Fluminense/UFF. Orientadora: Denise Tavares da Silva, 2016.



## **Agricultura sustentável: a busca por alimentos mais saudáveis**

*Sustainable agriculture  
the search for more healthy foods*

**Márcio Pereira Sampaio<sup>1</sup>  
César Luis Siqueira Junior<sup>2</sup>**

### **Resumo**

Nos últimos 7 anos, o projeto de extensão “Agricultura Sustentável” busca levar conhecimento obtido em pesquisas laboratoriais para a sociedade, principalmente agricultores e alunos de educação básica de escolas da rede pública e privada com o intuito de demonstrar a importância de se produzir culturas sustentáveis e consequentemente preservar o ambiente onde vivemos. Nesse trabalho enfatizaram-se as atividades promovidas no ano de 2017 junto às escolas Alberth Barth, localizada no Rio de Janeiro, escola Externato da Mônica e no colégio Santo Antônio, ambos localizados em Campos dos Goytacazes, interior do Estado do Rio de Janeiro. Como resultado, foi possível observar a interação entre alunos das escolas e o alunos bolsistas do projeto de extensão que culminou na amplificação da informação a cerca dos temas abordados em cada escola. Pode-se concluir que a divulgação da ciência para a sociedade poderia contribuir para a preservação do meio ambiente e também para a produção de culturas mais sustentáveis e saudáveis.

**Palavras-chave:** Sustentabilidade. Defensivos agrícolas. Educação.

### **Abstract**

In the last 7 years, the “Sustainable Agriculture” extension project has sought to bring knowledge obtained in laboratorial research to society, mainly farmers and students of basic education in public and private schools, in order to demonstrate the importance of producing sustainable crops and consequently preserve the environment where we live. This work emphasized the activities promoted in 2017 at the Alberth Barth school, located in Rio de Janeiro, at the Externato da Mônica school and at the Santo Antônio school, both located in Campos dos Goytacazes, in northern of the State of Rio de Janeiro. As a result, it was possible to observe the interaction between the students of the schools and the scholarship students of extension project that culminated in the amplification of information about the topics addressed in each school. It can be concluded that the dissemination of science to society could contribute to preservation of the environment and also to the production of more sustainable and healthy cultures.

**Keywords:** Sustainability. Agricultural pesticides. Education.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) - Rio de Janeiro/RJ, Brasil.

Discente do curso de Licenciatura em Ciências Ambientais(UNIRIO). Bolsista do Projeto de Extensão Agricultura Sustentável em 2017.  
e-mail: marciopereirasampaio1@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) - Rio de Janeiro/RJ, Brasil.

Professor Associado (UNIRIO). Coordenador do Projeto de Extensão Agricultura Sustentável (UNIRIO)  
e-mail: cesarjunior@unirio.br

## **Introdução**

O Brasil se destaca na produção de frutas, ocupando o 3º lugar na escala mundial com 5,3 % da produção mundial, perdendo apenas para a China e a Índia que produzem 29,4% e 9,4%, respectivamente (Figueiredo et al, 2017). Dentre os frutos cultivados, o Brasil se destaca principalmente pela produção de banana que é a fruta mais cultivada no território nacional (Figueiredo et al, 2017). Além da banana, o País ainda é portador do título de segundo maior produtor mundial de mamão tendo sua produção superada apenas pela Índia em 2016 (FAO, 2017) No início de 2010, o grupo de pesquisa coordenado pelo docente Dr. César Luis Siqueira Junior, percebeu a necessidade de socialização dos resultados obtidos através da pesquisa científica desenvolvida no Núcleo de Pesquisas em Sistemas Agrícolas (NuPSA), criado e vinculado ao Departamento de Botânica do Instituto de Biociências da UNIRIO. As pesquisas desenvolvidas pelo NuPSA, objetivam a redução do uso de defensivos agrícolas, em culturas de mamoeiro, através da substituição desses produtos por extratos obtidos a partir de outras plantas encontradas rotineiramente na região sudeste do Brasil.

Ao longo dos últimos 7 anos, várias plantas foram testadas no Laboratório de Bioquímica e Função de Proteínas Vegetais (LBFPV) gerando artigos em revistas científicas, contudo não era direcionado ao público realmente interessado e beneficiário desses resultados. Foi pensando nesse público que se criou o projeto de extensão intitulado “Agricultura Sustentável”. Esse projeto de extensão tem o principal objetivo de informar sobre as possibilidades existentes de controle de pragas e patógenos em culturas desenvolvidas por pequenos e médios agricultores, permitindo dessa forma a redução do uso de defensivos agrícolas nas plantações.

Ao fim de 2014, graças aos resultados obtidos com o projeto de extensão, foi criado o programa de extensão intitulado “Educação Ambiental, Sustentabilidade e Saúde” no qual o projeto agricultura sustentável permaneceu vinculado. A criação do programa permitiu uma amplificação da divulgação do projeto que desde então passou a ser divulgado em escolas públicas e privadas do Estado do Rio de Janeiro. Além disso, essa expansão permitiu que outras abordagens fossem iniciadas, não só em relação à agricultura, mas agora também na área de saúde e preservação ambiental.

Em 2017, ambos o programa e o projeto atuaram de forma importante, ministrando temas importantes nas escolas públicas na cidade do Rio de Janeiro e em escolas do interior do Estado do Rio de Janeiro.

## **Metodologia**

A parte experimental do projeto foi desenvolvida no LBFPV utilizando-se plantas de mamoeiro como planta modelo de estudo. Nesse caso, os frutos de mamão contaminados com patógenos causadores de doenças vegetais foram testados empregando-se extratos vegetais visando a análise do potencial fungicida de cada extrato testado, seguindo metodologia descrita por Siqueira\_Junior e colaboradores (2012).

No último ano, parte extensionista do projeto foi desenvolvida em escolas da rede pública e privada do Estado do Rio de Janeiro. Na cidade do Rio, o projeto foi desenvolvido na Escola Municipal Alberth Barth. E no interior do Estado, nas escolas Colégio Santo Antônio e Externato da Mônica, ambas instituições privadas de ensino fundamental. Ao longo do ano de 2017, vários temas relacionados a educação ambiental, produção de culturas orgânicas e cuidados com a saúde foram abordados nessas escolas, com destaque para o tema “Combate ao *Aedes aegypti*”, que esteve relacionado com a campanha nacional de combate ao mosquito transmissor de doenças como a dengue, zika, chikungunya e a febre amarela, cujo surto da doença preocupou toda a população do Estado do Rio de Janeiro no último ano. Como forma de divulgação e transmissão de conhecimento,



em cada escola os temas foram abordados de forma lúdica, com a produção de atividades e jogos após a exposição dos assuntos, permitindo a participação ativa dos alunos e professores envolvidos (público alvo do projeto). Essas atividades foram produzidas de acordo com cada faixa etária priorizando o entendimento de todos os alunos, incluindo todas as faixas etárias (figura 1).

Figura 1 - Palestras sobre a febre amarela no Colégio Santo Antônio em Campos dos Goytacazes-RJ (A); Escola Municipal Alberth Barth no Rio de Janeiro-RJ (B); e modelos de atividades desenvolvidas pelos alunos após a exposição do tema (C e D).

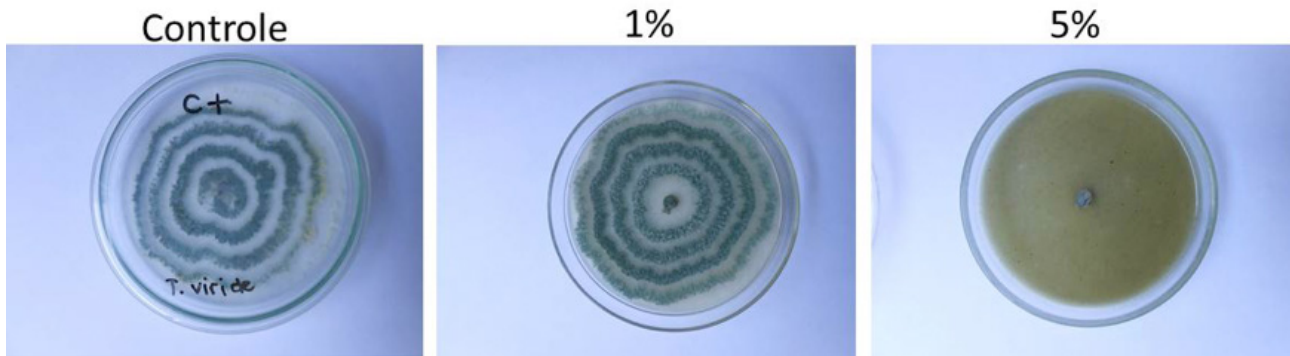


Fonte: Os Autores (2017).

## Resultados e discussão

Ao longo do ano de 2017, várias plantas foram testadas quanto seu potencial pesticida e antimicrobiano. Entre elas pode-se destacar: maracujá amarelo (*Passiflora edulis*), aveloz (*Euphorbia tirucalli*), saboeiro (*Sapindus saponaria*), lichia (*Litchi chinensis*), dentre outras. Os extratos produzidos a partir de folhas e sementes dessas plantas foram analisados quanto ao potencial antimicrobiano contra fungos causadores de doenças em vegetais. Como resultado, pode-se observar que várias dessas plantas poderiam ser empregadas na agricultura como pesticidas e fungicidas naturais pois são capazes de inibir o crescimento de fungos causadores de doenças em plantas (figura 2).

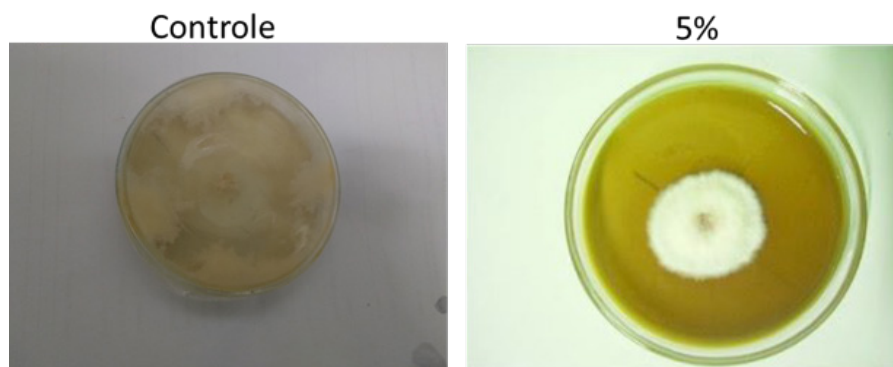
Figura 2 - Efeito do extrato de folhas de saboeiro (*Sapindus saponaria*) sobre o fungo *Trichoderma viride*. As fotos representam as placas de petri contendo meio de cultura contendo percentagem diferentes do extrato de folhas de saboeiro nas quais o fungo foi introduzido. O crescimento foi avaliado após 7 dias de incubação. Controle – meio de cultura na ausência de extrato vegetal; 1%- meio de cultura contendo 1% (v/v) de extrato vegetal; 5%- meio de cultura contendo 5% (v/v) de extrato vegetal.



Fonte: Os Autores (2017).

Além de inibir o crescimento de fungos *in vitro*, alguns extratos são capazes de reduzir os sintomas provocados pelos patógenos nos frutos (figura 3) corroborando a ideia de que esses extratos poderiam substituir defensivos agrícolas largamente utilizados nas culturas, que se acumulam no ambiente provocando danos ao solo e a água, além de se acumularem nos animais que consomem essas plantas.

Figura 3 - Efeito do extrato de folhas de saboeiro (*Sapindus saponaria*) sobre o fungo *Colletotrichum gloeosporioides*. As fotos representam as placas de petri contendo meio de cultura contendo percentagem diferentes do extrato de folhas de saboeiro nas quais o fungo foi introduzido. O crescimento foi avaliado após 7 dias de incubação. Controle – meio de cultura na ausência de extrato vegetal; 5%- meio de cultura contendo 5% (v/v) de extrato vegetal.



Fonte: Os Autores (2017).

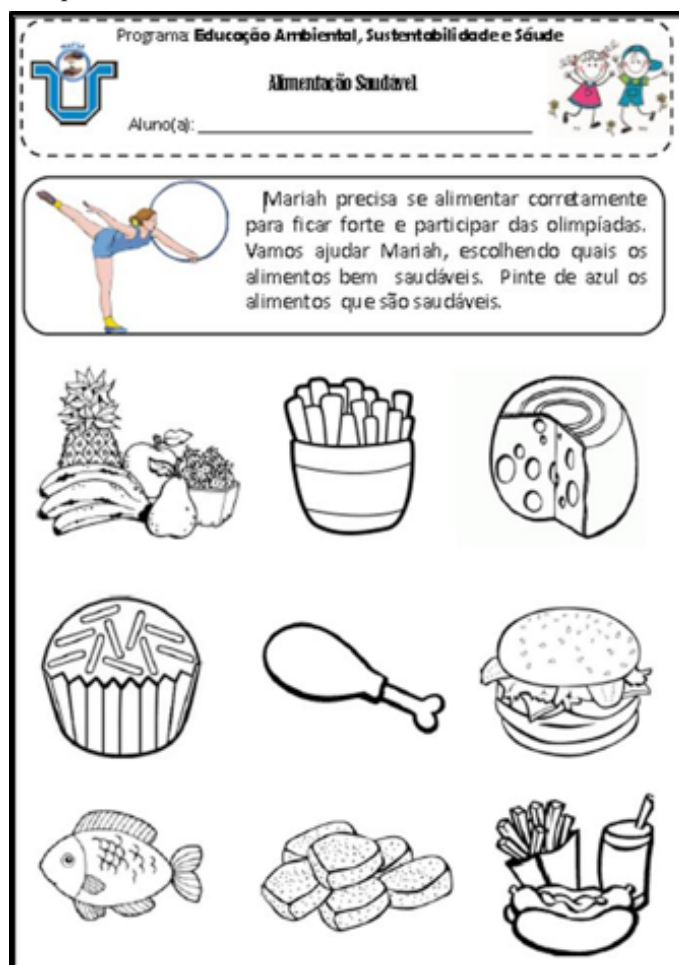
Nesse mesmo período, foram ofertadas palestras (um encontro a cada mês letivo, aproximadamente) em escolas do município do Rio de Janeiro e no interior do Estado, mais precisamente na cidade de Campos dos Goytacazes. Em cada encontro os alunos desenvolveram as atividades demonstrando interesse por cada um dos temas tratados. Assuntos como alimentação saudável (figura 4) fizeram com que os alunos participassem de atividades relacionadas a escolha de alimentos naturais, mais saudáveis e ainda alimentos orgânicos, livre de agrotóxicos (figura 5). Nesse encontro os alunos ainda aprenderam a preparar sua alimentação a base de frutas junto as professoras da escola Alberth Barth.

Figura 4 - Palestra sobre alimentação saudável na escola municipal Alberth Barth. A foto representa alguns dos alunos bolsistas e voluntários do projeto apresentando o conteúdo através de recursos multimídia oferecidos pela escola.



Fonte: Os Autores (2017).

Figura 5 - Material didático empregado como parte das atividades do encontro sobre alimentação saudável na escola municipal Alberth Barth. A foto representa uma das atividades distribuídas após a abordagem do tema como forma de avaliação do aprendizado dos alunos.

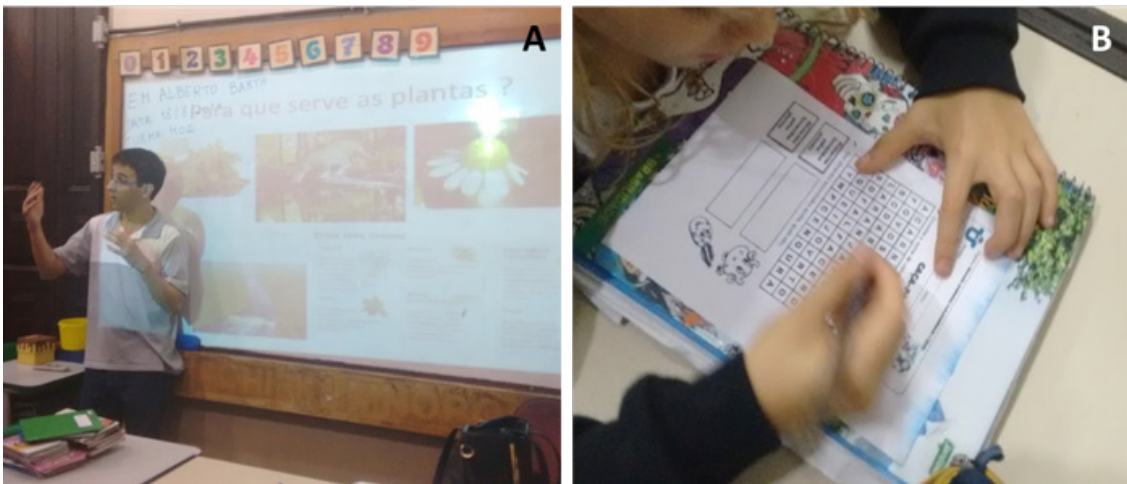


Fonte: Os Autores (2017).



Ao longo das apresentações de palestras durante o período de 2017, percebeu-se que os alunos passaram a participar cada vez mais dos temas, demonstrando a importância de cada tema abordado. Em vários momentos, os alunos participavam inclusive, acrescentando depoimentos sobre sua experiência sobre determinados assuntos, como ocorreu durante a apresentação dos temas “Para que servem as plantas?” e “A importância das sementes”(figura 6). Nesses encontros vários alunos demonstraram interesse em aprender e compartilhar suas experiências com os colegas. Tratando temas que abordam a educação ambiental, foi possível perceber que todos reconhecem a necessidade de preservar os recursos naturais de nosso planeta, mas desconhecem maneiras práticas de como fazer isso. Por esse motivo tornou-se mais importante abordar essa temática, o que levou ao aprendizado de como preservar recursos naturais como a água.

Figura 6 - Palestra sobre a importância das plantas para nossas vidas (A); modelo de atividade desenvolvida pelos alunos após a exposição do tema (B).



Fonte: Os Autores (2017).

## **Conclusão**

O desenvolvimento do projeto de extensão junto às escolas de educação básica da rede pública e privada pode contribuir para a amplificação de informações sobre preservação ambiental, tema de suma importância para a sociedade. Os temas tratados ao longo de 2017 permitiram a discussão de assuntos que fazem parte do cotidiano das crianças propiciando a produção de atividades auxiliares para os educadores das escolas envolvidas.

## **Perspectivas Futuras**

O projeto tem como expectativa os seguintes pontos:

- 1- colaboração com mais agricultores do interior do Estado do Rio de Janeiro, priorizando a melhoria dos padrões de cultivo;
- 2- aumento do número de escolas participantes do projeto, prevendo um alcance ainda maior das informações ministradas no projeto;
- 3- realização de simpósios e palestras que permitam a capacitação de alunos de graduação da UNIRIO;
- 4- teste de novos extratos vegetais mostrando o potencial uso dessas plantas como defensivos agrícolas naturais fornecendo ferramentas para que agricultores possam reduzir o consumo de defensivos químicos.



## **Referências**

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS. **FAOSTAT**. [Rome], 2017. Disponível em: <<http://www.fao.org/faostat/en/#data/QC/visualize>>. Acesso em: 22 de jan. 2018.

FIGUEIREDO, Y. F. et al. Controle alternativo de *Colletotrichum musae* com extrato de mil folhas. **Revista Fitos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 167-172, 2017.

SIQUEIRAJUNIOR, C. L. et al. Control of papaya anthracnose by essential oil of *Ricinus cummunis*. **Brazilian Archives Biology and Technology**, v. 55, n.1, p. 75-80, jan./fev. 2012.



## ***Big Band UNIRIO:* potencializando resultados**

*Big Band UNIRIO:  
optimizing outcomes*

**Thiago Trajano<sup>1</sup>  
Clifford Korman<sup>2</sup>**

### **Resumo**

Neste artigo descreve-se a metodologia usada para potencializar os resultados do projeto *Big Band Unirio*: interfaces com as diversas comunidades cariocas. Depois de identificados os tópicos relevantes ao projeto, procura-se organizá-los de maneira que seus potenciais sejam explorados e que a relação ensino-pesquisa-extensão seja reforçada. Divididos em duas grandes esferas – ensaios e concertos – desenvolve-se os seguintes aspectos: interdisciplinaridade, repertório trabalhado, professores e músicos convidados, atuação dos bolsistas, produção artística, parceria com empresa júnior e ação extensionista de caráter cultural.

**Palavras-chave:** *Big band*. Música popular. Arranjo.

### **Abstract**

This article describes the methodology used to optimize the outcomes of the project *Big Band Unirio*: interfaces with the diverse communities of Rio de Janeiro. Once the topics relevant to the project are identified, they are organized in such a way that their potentialities are explored and the teaching-research-extension relationship is emphasized. Divided into two major spheres - rehearsals and concerts - the following aspects are developed: interdisciplinarity, repertoire, guest teachers and musicians, activities of the students with work-scholarship grants, artistic output, partnership with the Junior Entrepreneur Program, and extension activities cultural in nature.

**Keywords:** Big band. Popular music. Arranging.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) - Rio de Janeiro/RJ, Brasil.  
Professor no Bacharelado em MPB/DEM/IVL/UNIRIO.  
e-mail: thiago.trajano@unirio.br

<sup>2</sup> Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) - Rio de Janeiro/RJ, Brasil.  
Professor no DEM/IVL/UNIRIO; atua no PPGM e PROEMUS-UNIRIO.  
e-mail: clifford.korman@unirio.br

## **1 Introdução**

Segundo o Grove Music Online, *big band* é um “termo usado principalmente para descrever as bandas de swing dos anos 1930 e 1940, constituídas por 10 a 15 instrumentos, porém pode ser aplicado a qualquer grande grupo”<sup>1</sup>.

Na tradição norte-americana ligada ao jazz, podemos dizer, de forma simplificada, que este “grande grupo” nasceu da adição gradual de músicos a uma formação originariamente menor – entre 5 e 6 músicos – de grupos provenientes de Nova Orleães. Em tais grupos menores, tínhamos frequentemente um trio com trompete, clarinete e trombone sendo acompanhados por piano, bateria e baixo (ou tuba). Em tal instrumentação podemos observar grande liberdade para improvisações coletivas do trio de sopros na linha de frente (SCHULLER, 243-244).

Começam, então, a ser adicionados novos membros nas bandas. Mais um trompete, mais um trombone, saxofones, gerando as instrumentações maiores com variações no número de integrantes e instrumentos. O aumento do número de integrantes gera um agrupamento dos instrumentos por naipes. Agora temos o naipe dos trompetes, o naipe dos trombones, o naipe dos saxofones e a base – piano, baixo e bateria, e muitas vezes com a adição de uma guitarra.

Com tantos integrantes na instrumentação daquelas bandas, passou a ser cada vez mais importante, e conseqüentemente cada vez mais frequente, a figura do arranjador: músico que é responsável exatamente por organizar o que cada instrumentista deve tocar.

Podemos compreender o conceito de arranjo em música popular como um “procedimento de organização ou recriação dos materiais musicais” (ARAGÃO, 1999), dando liberdade para que sejam explorados aspectos composicionais, que o arranjador prontamente toma partido, como podemos observar na criação de introduções (ou outras seções), contracantos, texturas de acompanhamento, contra melodias, alterações na harmonia, entre outros procedimentos.

É importante ressaltar que mesmo com a presença do arranjador organizando o material executado pelos músicos, a improvisação se manteve muito importante nas *big bands*, porém de forma um pouco diferente. De maneira geral, o caráter improvisatório coletivo que acontecia mais abertamente nos grupos menores de Nova Orleães foi substituído, muitas das vezes, por improvisações individuais em seções específicas do arranjo. Em tais seções um instrumentista tem a liberdade de criar livremente um solo sobre a harmonia do trecho sendo acompanhado pela base – com possíveis intervenções dos sopros na textura do acompanhamento no que denominamos de backgrounds.

No Brasil, a influência das *big bands* aparecem desde a primeira parte do século XX, ajudando a impulsionar a escrita de música popular para formações instrumentais maiores, orquestrais. A Rádio Nacional, já nos anos 1930, possuía uma orquestra de jazz (NEUHAUS, 2016). Posteriormente observamos em programas de rádio importantes arranjadores utilizando orquestras como veículo para arranjos grandiosos de música popular, se configurando como forte opção para o, até então soberano, tradicional grupo regional. Radamés Gnattali no programa Um Milhão de Melodias, Guerra Peixe em Dicionário Toddy e Lyrio Panicali em Canção Antiga são alguns exemplos. O próprio Gnattali aponta uma conexão quando diz: “aprendi a escrever música popular também ouvindo jazz, uma música americana” (DIDIER, 1984, p. 70, apud NEUHAUS, 2016).

Muitos arranjadores formaram *big bands* dando início a uma tradição brasileira desta formação, entre elas a Orquestra Tabajara, Orquestra do Maestro Fon-Fon, Orquestra do Maestro Carioca, Orquestra do Maestro Cipó, perpetuadas por outras que as sucederam como a Banda Savana, Banda Mantiqueira, Spok Frevo Orquestra e Rio Jazz Orchestra.

Nosso projeto de extensão contribui para manutenção da cultura da *big band* se manter ativa e fortalecer laços entre a arte e o conhecimento criados sob os auspícios da universidade e das diversas comunidades da cidade e do estado.

---

<sup>1</sup> “A term used principally to describe the swing bands of the 1930s and 1940s, which consisted of ten to 15 instruments, although it may be applied to any large ensemble”



## 2 Objetivos

Tivemos como objetivos nesse primeiro ano do projeto de extensão “*Big Band* na UNIRIO: interfaces com as diversas comunidades cariocas” explorar um repertório dedicado à formação da *big band* através de ensaios e pesquisa, possibilitando um desenvolvimento interdisciplinar, trocando saberes dentro e fora da universidade, além da divulgação da produção artística desenvolvida através de atividades extensionistas em concertos abertos ao público e em eventos acadêmicos.

## 3 Metodologia

Para potencializar os resultados do projeto, organizamos as possíveis áreas de influência procurando contemplar suas características de forma objetiva maximizando o impacto sobre o projeto como um todo. Os diferentes aspectos das atividades de ensino, pesquisa e extensão foram divididos e explorados sob duas esferas, elas são: 1) ensaios e 2) concertos.

### 3.1 Ensaios

Os ensaios aconteceram às segundas-feiras de 19:00 às 21:00 como atividade das disciplinas Prática de Conjunto ou Música de Câmara e se configuraram como um espaço no qual foram evidenciadas e exploradas a interdisciplinaridade, a escolha do repertório, contribuição de músicos e professores convidados e atribuições precisas aos bolsistas.

#### 3.1.1 Interdisciplinaridade

A estratégia de agruparmos alunos matriculados nas duas disciplinas, proporcionou maior alcance e integração no projeto, pois possibilitou a convivência de alunos provenientes de diferentes cursos de música na Unirio. Os matriculados em Prática de Conjunto provenientes do curso de Licenciatura em Música e do Bacharelado em Música Popular; já os matriculados em Música de Câmara, dos diferentes bacharelados em instrumento. Ainda contamos com alunos e professores de outros cursos e disciplinas além de músicos convidados e alunos de outras universidades, aumentando, assim, o escopo de nossa integração.

Nos ensaios proporcionamos a interdisciplinaridade contemplando o intercâmbio de conteúdo e práticas das seguintes disciplinas: Instrumento Complementar, Prática de Conjunto, Arranjo e Técnicas Instrumentais e Improvisação.

Além das já citadas, uma outra disciplina apresenta uma ligação mais estreita e objetiva que as demais: Arranjo *Big Band*. Tal disciplina conta com parte do tempo do ensaio dedicada especificamente para servir de laboratório, proporcionando a leitura, experimentação e análise dos arranjos produzidos pelos alunos. Esta prática é essencial na formação dos arranjadores.

#### 3.1.2 Repertório trabalhado

A escolha do repertório trabalhado nos ensaios teve 3 funções: 1) difundir arranjos do Acervo Paulo Moura; 2) fornecer material de referência na linguagem da escrita idiomática para *big band*; 3) incentivar alunos do Instituto Villa-Lobos a utilizarem os ensaios para leituras de obras acabadas ou em andamento, tendo a possibilidade de tais obras serem incluídas nas apresentações do grupo.

Foram usados arranjos do Acervo Paulo Moura, um patrimônio cultural brasileiro e o foco de pesquisa coordenada pelo Prof. Clifford Korman, promovendo de forma contundente a interação de pesquisa e extensão, além da valorização do repertório brasileiro escrito para a *big band*.

Arranjos do programa Essentially Ellington, vinculado à Jazz Academy do Jazz at Lincoln Center<sup>2</sup> ofereceram aos alunos do projeto contato com repertório que contém importantes recursos de composição, arranjo, orquestração e prática de performance da tradição de escrita para formação de *big band*.

Arranjos de diversos alunos, entre eles, Pedro Malcher, Rafael Casqueira, Miguel Dias e Magno Souza foram executados e testados nos ensaios, além de alguns serem escolhidos para entrarem no repertório dos concertos, incentivando a escrita específica para a instrumentação.

### **3.1.3 Convidados**

Com o intuito de ampliar as fontes de conhecimento e abrangência do material trabalhado, contamos com a presença de professores e músicos convidados trazendo novas possibilidades de abordagem didática e musical que puderam contribuir para a formação e desenvolvimento de todos envolvidos no projeto.

Em julho trouxemos a Palestra/Oficina Lawrence “Butch” Morris e a prática musical de Conduction®: Gestos, linguagem e improvisação conduzida na música de conjunto, ministrado pela palestrante Professora Dra. Daniela Veronese<sup>3</sup> (Universidade Livre de Bozen-Bolzano), e o regente Guilherme Peluci<sup>4</sup>, mestrado do PPGM-UFGM e artista atuante na cena nacional e internacional do improviso livre.

Em agosto, com a participação do coordenador Cliff Korman, os professores Fábio Araujo<sup>5</sup> (UFES) e Laurent Cugny<sup>6</sup> (Sorbonne-Paris) apresentaram a mesa-redonda “Improvisação, Groove, Interação Musical: Pertinência Epistemológica Audiotátil” e, com a participação da *big band*, a master class “Gil Evans Paris Workshop”. Os arranjos desta oficina permanecem no acervo da *Big Band UNIRIO*, e estiveram presentes nos programas das performances de semestre 2017-2.

Neste ano ainda, o baterista/compositor Pascoal Meirelles<sup>7</sup> vem contribuir como artista convidado nos ensaios em preparação para a apresentação na MAPA, compartilhando seu talento e a sua vivência. Um dos motivos principais da criação da *Big Band UNIRIO* é contemplado com a participação de Meirelles em nossos ensaios e concertos: estabelecer um laboratório para a transmissão de conhecimento, tradição e inovação entre artistas, professores e alunos; compartilhando os processos criativos essenciais na interpretação de música escrita e das tradições orais e aurais em performance.

### **3.1.4 Bolsistas**

Em 2017 a *Big Band* se beneficiou com o apoio de dois bolsistas PIBCUL. Além de atuarem como músicos integrantes do grupo, os bolsistas dividiram componentes de administração, de organização e coordenação, e de produção do grupo.

O Bolsista 1 ficou responsável por: 1) atividades bibliotecárias e arquivistas; 2) registrar e relatar os eventos (gravações, relatos e questionários); 3) manter a presença da *Big Band UNIRIO* na internet; 4) preparar e desmontar a sala de ensaio.

Já as responsabilidades do Bolsista 2 incluíram: 1) apoiar a produção de apresentações e outros eventos; 2) preparar os programas, o rider técnico – que especifica as necessidades técnicas do grupo para as apresentações – e o mapa de palco – que especifica o posicionamento dos integrantes da banda, microfones, e monitores no palco; 3) comunicar com os responsáveis de produção nas instituições e salas de performance internas e externas da universidade; 4) preparar e desmontar a sala de ensaio.

<sup>2</sup> Mais informações disponível em: <<https://academy.jazz.org/ee/about/>>.

<sup>3</sup> Mais informações disponível em: <[https://www.researchgate.net/profile/Daniela\\_Veronesi](https://www.researchgate.net/profile/Daniela_Veronesi)>.

<sup>4</sup> Mais informações disponível em: <<https://www.escavador.com/sobre/6325637/guilherme-peluci-de-castro>>.

<sup>5</sup> Mais informações disponível em: <<https://crijmabrasil2017.wixsite.com/crijmabrasil2017-pt/fabiano-araujo>>.

<sup>6</sup> Mais informações disponível em: <<https://www.laurentcugny.org/>>.

<sup>7</sup> Mais informações disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Pascoal\\_Meirelles](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pascoal_Meirelles)>.

As tarefas citadas foram desempenhadas de forma exemplar pelos alunos Eduardo Rezende e Jessica Gimenes tendo uma atuação valiosa, essencial para o sucesso do grupo.

Consideramos que a intenção do programa de bolsista de extensão foi cumprida: contribuir, em cada aspecto do projeto, para a criação e realização de um plano de trabalho coerente, flexível e funcional, sendo ao mesmo tempo exigente e razoável. Importante ressaltar também que o aprendizado adquirido durante a participação dos bolsistas no projeto se deu tanto em termos musicais quanto acadêmicos e administrativos.

### **3.2 Concertos**

O resultado de todo trabalho durante os ensaios é apresentado na segunda esfera deste projeto: os concertos. Estes se estabelecem como uma prazerosa plataforma de compartilhamento de todos os saberes adquiridos no decorrer dos ensaios através da propagação artística.

Podemos compreender os concertos como eventos de duplo significado, pois se configuram como: 1) produtos artísticos/culturais do projeto de extensão; 2) ações extensionistas, promovendo a integração da universidade com a sociedade.

Ao explorarmos as possibilidades para a realização dos concertos, uma nova, e importante, parceria se apresentou: ação extensionista e empresas juniores.

#### **3.2.1 Produto artístico**

Inúmeras decisões, das mais globais – como qual a ordem dos arranjos no repertório do concerto – às mais pontuais – como discutir questões de acentuação ou articulação de uma nota específica – são tomadas cuidadosamente para que as questões teórico-musicais e artísticas levantadas durante os ensaios sejam resolvidas de forma a chegarmos nos concertos com um produto consistente e fundamentado.

#### **3.2.2 Ação extensionista**

O caráter extensionista de integração, inclusão e ampliação do conhecimento na troca da universidade com a sociedade é contemplado de forma contudente, dentro da proposta do projeto, nesta esfera. Os concertos têm a função de promoção cultural e artística levando para a comunidade de nossa cidade um repertório que não conquista muito espaço nas rádios, televisão ou programação musical disponível nas casas de show ou salas de concerto.

#### **3.2.3 Parceria com a Empresa Júnior Patamar e Athena Consultoria**

Na busca de espaços para apresentações, encontramos diversas oportunidades em locais que fazem parte da cena cultural carioca, alguns deles usam o sistema de *couvert* artístico ou venda de ingresso para cobrir os custos de produção. Logo surgiu o dilema de enfrentar e conciliar duas realidades aparentemente em conflito: a exigência da gratuidade em ação extensionista e o fato de que apresentações em tais locais dependem do fluxo de dinheiro, mesmo que seja de baixo valor, para sobreviver no mercado de cultura. Descobrimos que a área de música não é a única que enfrenta essa questão, porém o próprio governo brasileiro oferece uma solução: uma parceria com uma empresa júnior.

Criada pela Lei Nº 13.267, de 6 de abril de 2016, uma empresa júnior “vincular-se-á a instituição de ensino superior e desenvolverá atividades relacionadas ao campo de abrangência de pelo menos um curso de graduação”. Tem entre os objetivos o intuito de “proporcionar a seus membros as condições necessárias para a aplicação prática dos conhecimentos teóricos referentes à respectiva área de formação

profissional, dando-lhes oportunidade de vivenciar o mercado de trabalho em caráter de formação para o exercício da futura profissão e aguçando-lhes o espírito crítico, analítico e empreendedora” e “promover o desenvolvimento técnico, acadêmico, pessoal e profissional de seus membros associados por meio de contato direto com a realidade do mercado de trabalho, desenvolvendo atividades de consultoria e de assessoria a empresários e empreendedores, com a orientação de professores e profissionais especializados” (BRASIL, 2016).

Felizes com a confluência afortunada, para viabilizar uma apresentação na Sala Municipal Baden Powell, entramos em uma parceria com a já estabelecida Patamar Consultoria EJ e a Escola de Engenharia de Produção da UNIRIO, representada pela Athena Consultoria<sup>8</sup>. Compostas de equipes entusiasmadas e organizadas, as empresas assumiram as responsabilidades financeiras e de divulgação. O foco da *big band* foi na música e o concerto foi um sucesso.

A divisão de tarefas foi sensata e eficaz, resultando em uma troca de conhecimentos e num significativo aprendizado para ambas as partes. Os alunos das empresas atuaram pela primeira vez no campo cultural da música popular na cidade do Rio de Janeiro, se relacionando com as especificidades, ou melhor, as peculiaridades dos seus mecanismos de produção e divulgação. Quanto aos alunos da *big band*, em especial os bolsistas, estes tiveram a oportunidade de se relacionar e começar a estabelecer laços com colegas envolvidos com o empreendedorismo além de enfrentarem as exigências de um teatro profissional, conhecido e respeitado.

#### **4 Resultados e discussões**

A experiência adquirida pelos alunos, tanto no que se refere a questões teóricas e práticas quanto a vivências pessoais e crescimento profissional, foi significativa. Historicamente, o conhecimento da cultura da música popular – os gêneros, estilos, e a prática de performance – é desenvolvido e compartilhado entre músicos de duas maneiras: 1) pela transmissão pelo registro em partituras; 2) pela transmissão oral e aural. Neste projeto, durante os ensaios esses dois tipos de transmissão têm espaço para acontecerem simultaneamente.

Nas partituras – textos musicais fornecidos pelos compositores e arranjadores – encontram-se melodias, cifras de harmonia, indicações rítmicas e diversos símbolos referentes ao fraseado, à acentuação e dinâmica. Parte da notação musical exige uma compreensão teórico-musical mais direta e literal para transformar os símbolos musicais notados em som, fazendo com que a ideia do compositor ou arranjador saia do papel e se transforme em uma expressão sonora. Segundo Ulhôa (2008, p.1) “a escrita musical, apesar de não dar conta de todas as nuances sonoras de uma obra é, sem dúvida, uma ferramenta de grande utilidade não só para o estudo, como também para a prática de um repertório vasto de música”. Tais partituras possibilitam a transmissão das ideias e constituíram o material de trabalho para construção do repertório escolhido para ensaio e concertos.

Porém, existem aspectos que exigem uma compreensão mais refinada, na qual as questões ligadas à interpretação precisam ser exploradas. Características e procedimentos que se relacionam com as particularidades na execução dos gêneros e estilos sendo trabalhados tem na tradição oral/aural um poderoso veículo para transmissão e aprendizado de informações preciosas. O sentido desses símbolos e a maneira de decifrá-los é trabalhado nos ensaios, num processo de ilustração e repetição. A convivência entre gerações e comunidades de músicos de diferentes campos profissionais, vivendo diferentes momentos de suas carreiras, têm importância crucial na formação do aluno. A

(...) técnica instrumental, timbre, detalhes de tempo e dinâmica, ornamentação, articulação, a combinação de todos estes elementos no que se chama de expressão, bem como a improvisação, são transmitidos em grande parte de forma oral, precisando inclusive de contato com e demonstração por um mestre especialista (ULHÔA, 2008, p.2)

---

<sup>8</sup> Futura Empresa Júnior Athena <https://www.facebook.com/AthenaUNIRIO/>



É assim que os elementos intangíveis – entre eles balanço, sonoridade, intensidade e coesão interna – são praticados e fortalecidos.

As diretrizes da indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão puderam ser contempladas de forma bastante satisfatória no ano de 2017 no projeto aqui apresentado mediante a organização e potencialização das diferentes áreas de influência. A pesquisa do Acervo Paulo Moura, coordenada pelo Prof. Clifford Korman, servindo de repertório; a integração de diversas disciplinas relacionadas com o trabalho nos ensaios; a combinação de alunos do curso de música com alunos de outros cursos, professores e músicos convidados proporcionando uma integração dentro da universidade; a colaboração e troca com professores, pesquisadores e músicos de fora de nossa universidade, ampliando o alcance de nosso projeto.

Toda pesquisa, planejamento, estudo e ensaio culminam na manifestação artística compartilhada nos concertos. Na troca com a sociedade, levando arte e dividindo os conhecimentos conquistados dentro da universidade, democratizamos o saber e promovemos ações extensionistas de conteúdo cultural.

Neste ano foram realizados oito concertos nos seguintes palcos: Triboz (o Centro Cultural Brasil-Austrália), Casa de Choro, Sala Municipal Baden Powell, Theatro Municipal do Rio de Janeiro, Universidade Federal Fluminense, nas duas edições da Mostra de Atividades Pedagógicas e Artísticas do IVL (MAPA) e na Semana de Integração Acadêmica (SIA), que coincidiu com a Abertura de Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (SNCT), cujo tema para este ano foi “A Matemática está em tudo” (nesta apresentação a *Big Band* recebeu o prêmio de 1º Lugar na modalidade de Apresentação Artística).

A parceria estabelecida com as empresas juniores foi um importante passo na abertura de um caminho que viabiliza o aumento do alcance da interação com nossas comunidades.

O ano 2017 foi um de construção. Estamos com a esperança que 2018 seja de evolução e amadurecimento.

## Referências

ARAGÃO, Paulo. Pixinguinha, Radamés e a gênese do novo arranjo musical brasileiro. **Cadernos do Colóquio**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, 1999.

BRASIL. **Lei 13.267, de 6 de abril de 2016**. Disciplina a criação e a organização das associações denominadas empresas juniores, com funcionamento perante instituições de ensino superior. Brasília, 2016. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2016/lei/L13267.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/L13267.htm)>. Acesso em: 15 dez. 2017.

NEUHAUS, Ítalo. A música popular brasileira nas orquestras da Rádio Nacional nas décadas de 1940 e 50. In: IV SIMPÓSIO BRASILEIRO DE PÓS-GRADUANDOS EM MÚSICA, 4., 2016, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UNIRIO, 2016. Disponível em: <<http://www.seer.unirio.br/index.php/simpom/article/view/5793>>. Acesso em: 15 dez. 2017.

SCHULLER, Gunther. **Early Jazz**. New York: Oxford University Press, 1986.

ULHÔA, Martha Tupinambá. Perdão Emília!: transmissão oral e aural na canção popular. In: MATOS, C.; TRAVASSOS, E.; MEDEIROS, F. (Orgs.). **Palavra cantada**: ensaios sobre poesia, música e voz. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008., p. 249-267. Disponível em: <[http://www4.unirio.br/mpb/ulhoatextos/Perdao\\_Emilia\\_Transmissao\\_oral\\_e\\_aural\\_na\\_cancao\\_popular\\_Palavra%20cantada\\_2008.pdf](http://www4.unirio.br/mpb/ulhoatextos/Perdao_Emilia_Transmissao_oral_e_aural_na_cancao_popular_Palavra%20cantada_2008.pdf)>. Acesso em: 15 dez. 2017.



# **Aprendizado musical e matemática e sua prática no projeto de extensão Coro Juvenil UNIRIO**

*Musical learning and mathematics and its practice In the extension project of  
Coro Juvenil UNIRIO*

**Jorge Potyguara de Castanheiro de Freitas**<sup>1</sup>  
**Julio Moretzsohn**<sup>2</sup>

## **Resumo**

Este artigo tem como objetivo mostrar a relação entre música e matemática; como o aprendizado da música influencia na compreensão de questões ligadas à matemática e no desenvolvimento de importantes habilidades cognitivas; e como isso se reflete na prática musical do Coro Juvenil.

**Palavras-chave:** Canto-coral. Música. Matemática.

## **Abstract**

This article proposes to present the relationship between music and mathematics; how musical learning influences the understanding of math related issues and the development of important cognitive abilities; and how this is reflected by the musical practice of the Coro Juvenil.

**Keywords:** Choir Singing. Music. Mathematics.

---

<sup>1</sup> *Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) - Rio de Janeiro/RJ, Brasil.  
Bolsista do Projeto de Extensão Coro Juvenil UNIRIO  
e-mail: jorge.usher@gmail.com*

<sup>2</sup> *Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) - Rio de Janeiro/RJ, Brasil.  
Professor do Departamento de Composição e Regência. Coordenador do Projeto de Extensão Coro Juvenil UNIRIO  
e-mail: julio.moretzsohn@unirio.br*

Assim como tudo o mais no mundo, a matemática está presente na música como uma de suas manifestações mais curiosas. Desde as investigações de Pitágoras até hoje, música e matemática têm mantido uma relação rica. E como consequência da relação entre música e matemática, diversos benefícios para o desenvolvimento do pensamento lógico-matemático são percebidos através da prática e do estudo da música.

Uma das formas mais óbvias que o estudo da música beneficia o estudo da matemática é sobre a compreensão de frações. O estudante de música que aprende a ler partituras precisa compreender diferentes divisões que ajudam a organizar a estrutura rítmica da música. A essas divisões damos o nome de compasso. Os compassos definem a organização dos tempos da música, que são “momentos” em que se divide o compasso. A valsa, por exemplo, utiliza compassos ternários, ou seja, com três tempos em cada compasso. Para definir essa divisão dos tempos de cada compasso, utiliza-se uma fórmula de compasso que é escrita usando frações relacionadas às figuras rítmicas.

Diferentes figuras rítmicas de diferentes valores são utilizadas. Cada figura rítmica define a duração de uma nota em relação às outras figuras. Como exemplo podemos tomar como ponto de partida a figura rítmica da semibreve, a qual atribuímos o número 1. A figura da mínima corresponde à metade da semibreve, e a semínima corresponde a um quarto da semibreve, etc.

Na fração que indica a fórmula de compasso, o numerador indica a quantidade de valores que caberão no compasso e o denominador indica a figura rítmica do numerador. Então, retomando ao exemplo da valsa, precisamos de uma fórmula que indique três tempos por compasso, portanto o numerador deverá ser 3. Se estamos considerando a semibreve como 1, o compasso ternário, precisa ter a duração de três quartos da semibreve, ou seja  $\frac{3}{4}$ , que é a fórmula de compasso normalmente utilizada na Valsa. Existem outras maneiras de escrever a fórmula de compasso ternário que partem do mesmo princípio. Ao aprender a lidar com os valores do compasso e as figuras rítmicas que o preenchem, o estudante de música emprega uma forma diferente de visualizar o funcionamento das frações.

Essa relação estreita entre a música e a matemática já é bem antiga. Na Grécia Antiga, o filósofo e matemático Pitágoras de Samos interessava-se em buscar relações entre combinações de notas que fossem agradáveis ao ouvido e as explicações matemáticas para isso. Em uma de suas investigações, Pitágoras realizou o seguinte experimento: esticou uma corda e a tocou fazendo-a vibrar. Ao fazer isso, a corda em vibração emitiu um som, uma nota. Em seguida, Pitágoras dividiu a corda ao meio e a pôs em vibração novamente. A mesma nota foi produzida, porém mais aguda, uma oitava acima. Então, Pitágoras decidiu dividir a corda em três partes e vibrou dois terços da corda dessa vez produzindo um novo som.

O novo som soava de forma harmoniosa com o som anterior. Pitágoras dividiu a nota ainda em mais partes em diferentes proporções gerando outros sons que se relacionavam de forma mais ou menos harmoniosa com o primeiro. Outros filósofos e estudiosos, seguidores de Pitágoras aprofundaram-se nesses estudos em busca da compreensão da formação de diversas escalas.

A matemática também se manifesta na música na compreensão das ondas sonoras e das frequências emitidas por um som. Além disso, diversos compositores utilizam a secção áurea e a série de Fibonacci como forma de estruturar suas obras, ou lidam com permutações e teoria de conjuntos para organizar sua música.

Porém, ainda mais que isso, a música têm sido alvo de estudos e pesquisas que relacionam seu estudo ao desenvolvimento da inteligência. Durante a prática musical, o cérebro pratica o raciocínio espacial-temporário, necessário para a resolução de problemas encontrados na matemática, engenharia, arquitetura e trabalhos com computação, etc. Portanto, é justo dizer que a prática musical é um “exercício” para o cérebro.

Para um estudante de música, a experiência prática desses parâmetros musicais anterior ao conhecimento técnico e teórico ajuda na compreensão posterior desse conteúdo. Trabalhando como



pianista colaborador com bolsa de extensão no Coro Juvenil, observo que nos ensaios, os alunos vivenciam constantemente esses elementos matemáticos através do aprendizado musical. Cantando músicas de diversos gêneros e nacionalidades, os alunos têm a oportunidade de vivenciar diferentes fórmulas de compasso e diferentes combinações rítmicas, às vezes bem complexas, lidando de forma intuitiva com questões matemáticas além de estarem exercitando importantes habilidades cognitivas.

## **Referências**

ISAACS, Alan; MARTIN, Elizabeth. **Dicionário de Música**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1985.

MED, Bohumil. **Teoria da música**. 4 ed. rev. e ampl. Brasília: Musimed, 1996.

PEREIRA, Marcos do Carmo. **Matemática e música de Pitágoras aos dias de hoje**. 2013. 95f. Dissertação (Mestrado em Matemática)-Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

MARTINS PEDERIVA, Patrícia Lima; TRISTAO, Rosana Maria. Música e Cognição. **Ciência Cognitiva**, Rio de Janeiro, v. 9, p. 83-90, nov. 2006. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1806-58212006000300009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212006000300009&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 01 jun. 2017.



## Oficinas terapêuticas na atenção primária: um relato de experiência

*Therapeutic workshops in primary care:  
an report of experience*

**Mariana Martins Lopes de Souza**<sup>1</sup>  
**Sandy Valim de Souza**<sup>2</sup>  
**Rosane Mello**<sup>3</sup>

### Resumo

Trata-se de um relato de experiência realizado em um Centro Municipal de Saúde localizado no Rio de Janeiro no período de maio a dezembro de 2017, no contexto de um projeto de extensão da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). O objetivo deste estudo é relatar a experiência sobre o emprego de oficinas terapêuticas como possibilidade de tecnologia leve de cuidado em saúde mental junto a idosos com acometimentos psíquicos encaminhados pela Estratégia de Saúde da Família. As oficinas têm como peculiaridade as questões relacionais do indivíduo consigo mesmo, com a família e com a sociedade, face à necessidade do olhar de forma mais cuidadosa para o envelhecimento da população brasileira, não apenas as doenças físicas e mentais, mas também às questões sociais. Conclui-se que as práticas expressivas melhoram o desenvolvimento desses adultos e idosos e dão a eles o sentimento de pertencimento, conforto e cuidado que procuram, além de as atividades ajudarem no enfrentamento do estresse.

**Palavras-chave:** Enfermagem psiquiátrica. Saúde mental. Terapia pela arte.

### Abstract

This is an experience report carried out at a Municipal Health Center located in Rio de Janeiro from May to December 2017, in the context of an extension project of the Federal University of the State of Rio de Janeiro (UNIRIO). The objective of this study is to report the experience on the use of therapeutic workshops as a possibility of light mental health care technology with seniors people with psychic disorders referred by the Family Health Strategy. The workshops have as their peculiarity the relational issues of the individual with himself, with the family and with society, in view of the need to look more carefully for the aging of the Brazilian population, not only physical and mental diseases, but also social issues. It is concluded that expressive practices improve the development of these adults and the seniors and give them the feeling of belonging, comfort and care they seek, in addition to the activities help in coping with stress.

**Keywords:** Enfermagem psiquiátrica. Saúde mental. Terapia pela arte.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) - Rio de Janeiro/RJ, Brasil.  
Discente em Enfermagem da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto.  
e-mail: maary.mls@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) - Rio de Janeiro/RJ, Brasil.  
Discente em Enfermagem da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto.  
e-mail: sandyvalim98@gmail.com

<sup>3</sup> Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) - Rio de Janeiro/RJ, Brasil.  
Professora Associada (UNIRIO). Doutora em Enfermagem Psiquiátrica; Arteterapeuta.  
e-mail: rosane.dv@gmail.com

## **Introdução**

O relatório “Depressão e outros distúrbios mentais comuns: estimativas globais de saúde” aponta que 322 milhões de pessoas atualmente sofrem algum tipo de transtorno mental em todo o mundo. E grande parte desses transtornos vem atingindo a população idosa. (ORGANIZAÇÃO..., 2017)

Para proteger essa população foi instituído no Brasil o Estatuto do Idoso por meio da Lei n.º 10.741 de 2003, que traz a obrigação do Estado de garantir à pessoa idosa a proteção à vida e à saúde, por meio da efetivação de políticas sociais públicas que permitam um envelhecimento saudável, em condições de dignidade. (BRASIL, 2003)

Levando em conta essas necessidades, o tratamento, o estudo dos problemas de saúde mental e o cuidado ao adulto e ao idoso, torna-se fundamental criar novas práticas de tratamento. Neste sentido, o projeto de extensão traz à baila as oficinas terapêuticas, com espaço para produção, escuta psicossocial e acolhimento.

O principal objetivo deste estudo é relatar a experiência sobre o emprego de oficinas terapêuticas junto a adultos e idosos com acometimentos psíquicos encaminhados pela Estratégia de Saúde da Família. Destaca-se que as oficinas vêm sendo desenvolvidas em um Centro Municipal de Saúde do Rio de Janeiro.

O projeto de Extensão que deu origem a este relato tem como objetivos: desenvolver ações onde seja possível criar ou aprimorar habilidades no que diz respeito às oficinas terapêuticas; avaliar os resultados das oficinas terapêuticas no contexto biopsicossocial dos idosos; e promover a reflexão sobre a utilização de técnicas expressivas pelos futuros profissionais da área de saúde nos vários contextos do cuidado em saúde.

## **As Oficinas Terapêuticas**

Optou-se por utilizar as oficinas terapêuticas como metodologia de intervenção, visto que estas se propõem a auxiliar os indivíduos no desenvolvimento e aplicação de mecanismos de proteção, tornando possível minimizar danos e fortalecer a capacidade de se realizar estratégias de ajustes.

As oficinas atuam como possibilidade de tecnologia leve de cuidado em saúde mental junto a idosos. Conforme conceitua Merhy (1997), a tecnologia leve produz-se na relação direta usuário-profissional. Neste momento de falas, escutas, criam-se cumplicidades, relações de vínculo, aceitação.

As oficinas terapêuticas foram regulamentadas pelo Ministério da Saúde na portaria n.º 189 de 1991, visando melhorar a qualidade da atenção às pessoas portadoras de transtornos mentais, a necessidade de diversificação dos métodos e técnicas terapêuticas e bem como a integralidade da atenção a esse grupo. (BRASIL, 1991)

A portaria define as oficinas terapêuticas como “atividades grupais realizadas em serviços extra-hospitalares, que possuem função de socialização, expressão e inserção social” (BRASIL, 1991), e estabelece as diversas modalidades de oficinas terapêuticas: oficinas expressivas, oficinas geradoras de renda e oficinas de alfabetização.

As oficinas têm por objetivo disponibilizar ambiente favorável à redução de estresse, promovendo um espaço de convivência, troca de experiências e aumento das habilidades criativas. Assim como é constatado por Mendonça (2005):

A atividade artística enfatiza o processo construtivo e a criação do novo através da produção de acontecimentos, experiências, ações, objetos; “reinventa” o homem e o mundo. Sob essa perspectiva, as atividades das oficinas em saúde mental passam a ser vistas como instrumento de enriquecimento dos sujeitos, de valorização da expressão, de descoberta e ampliação de possibilidades individuais e de acesso aos bens culturais (MENDONÇA, 2005, p. 628).

A partir do exposto, surgiu o interesse em utilizar oficinas terapêuticas como tecnologia leve de cuidado, tendo como intento minimizar angústias, elevar a autoestima e promover a convivência entre pessoas com sofrimento psíquico, em unidades de saúde pública.

Imagem 1 - As mãos e o processo criativo. Realizada no Centro Municipal de Saúde, no mês de junho de 2017. Foto do arquivo Pessoal das autoras.



Foto: Mariana Martins e Sandy Valim (2017).

## Metodologia

As oficinas expressivas ocorrem entre os meses de maio a dezembro de 2017 e são realizadas semanalmente. O local escolhido foi um Centro Municipal de Saúde, localizado Município do Rio de Janeiro, mais especificamente na Área de Planejamento 3.1, que abrange os bairros/comunidades da Ilha do Governador, Ramos, Complexo da Maré, Complexo do Alemão, Vigário Geral, Penha, Penha Circular.

As oficinas têm duração de 90 a 120 minutos e o número médio de participantes é de cinco mulheres. O público atendido são adultos e idosos com algum acometimento psíquico, sendo o mais comum a depressão. A faixa-etária oscila entre 26 e 86 anos e destaca-se que todas foram encaminhadas por profissionais do Núcleo de Atenção à Saúde da Família (NASF).

Para sua realização, são utilizados artefatos e técnicas como colagem, assemblagem (colagens com objetos e materiais tridimensionais), pintura em tecido, flores em tecido, argila, expressão corporal, relaxamento, entre outras linguagens expressivas. Cada uma das técnicas possibilita o diagnóstico das angústias e incômodos dos participantes, além do tratamento de suas demandas.

Imagem 2 - Colagem sobre cada vivência. Realizada no Centro Municipal de Saúde, no mês de junho de 2017. Foto do arquivo Pessoal das autoras.



Foto: Mariana Martins e Sandy Valim (2017).



Imagem 3 - Linhas e lãs utilizadas na construção das mandalas. Realizada no Centro Municipal de Saúde, no mês de julho de 2017. Foto do arquivo pessoal das autoras.



Foto: Mariana Martins e Sandy Valim (2017).

Imagem 4 - Mandalas construídas pelos participantes. Realizada no Centro Municipal de Saúde, no mês de julho de 2017. Foto do arquivo pessoal das autoras.



Foto: Mariana Martins e Sandy Valim (2017).

### **Saúde Mental e Atenção Básica: Uma união necessária**

Ressalta-se que as extensionistas, sob supervisão da professora orientadora, são responsáveis por coordenar as oficinas, além da organização do espaço físico onde ocorrem as mesmas, pois o preparo do ambiente é de importância fundamental em relação à necessidade de que seja estimulador para a expressão criativa, com um clima leve e ameno, propiciando a redução do estresse do dia-a-dia. Além disso, as atividades devem ser pensadas semanalmente, planejadas e aplicadas, pois a produção de cada participante tem seu significado e sua mensagem.

O projeto foi dividido em fases com o propósito da realização de discussão, aprendizados teóricos e práticos das vivências em oficinas. A primeira fase, no mês de março de 2017, consistiu no treinamento e preparação das extensionistas nas diversas possibilidades expressivas a serem desenvolvidas ao longo do projeto, através da participação em minicursos e eventos relacionados à saúde mental.

Na segunda fase, que correspondeu aos meses de abril, maio e junho houve a divulgação do Projeto junto aos funcionários do Centro Municipal de Saúde, objetivando a captação dos usuários para as oficinas. Nos primeiros encontros realizou-se o diagnóstico das angústias e incômodos dos participantes, através das oficinas de temáticas livres, com o objetivo de detectar as demandas.

Imagem 5 - Extensionistas Sandy Vallim e Mariana Martins e a Coordenadora Rosâne Mello.



Foto: Mariana Martins e Sandy Valim (2017).

Na terceira fase, que se iniciou em julho e foi até outubro, ocorreram oficinas com objetos e técnicas indicadas pelo próprio grupo e com os materiais expressivos que mais se identificaram. Na última fase, nos meses de novembro e dezembro, ocorre o preparo para o encerramento do projeto, com atividades de fortalecimento de vínculos.

### **Fazendo arte e promovendo encontros: considerações finais**

Em meio às oficinas emergem os problemas pessoais de cada participante através das conversas, resultado gradual dos vínculos que vêm sendo construídos. Neste contexto, enquanto acadêmicas de enfermagem, nos implicamos no processo, permitindo desenvolver uma escuta ativa e o acolhimento que devem estar sempre presentes em nossa atividade profissional.

Percebemos que ao longo dos meses a coordenação motora fina, autoestima e a segurança na construção das propostas da oficina aumentam paulatinamente, os pacientes evoluem nas técnicas e a confiança entre os membros do grupo é cada vez maior, já que a cada encontro os participantes se relacionam e pode-se perceber a troca entre gerações acontecendo.

Conclui-se que as práticas expressivas melhoram o desenvolvimento desses adultos e idosos e dão a eles o sentimento de pertencimento, conforto e cuidado que procuram, além das atividades ajudarem no enfrentamento do estresse. Através dos depoimentos e com os relatórios de atividade feitos semanalmente, são avaliados os impactos do grupo. Mesmo com demandas diferentes, foi possível observar que os participantes vão aumentando suas formas de socialização, expressão e inserção social.

### **Referências**

BRASIL. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. **Estatuto do Idoso**: lei federal nº 10.741, de 01 de outubro de 2003. Brasília, 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria n. 189, de 19 de novembro de 1991**. Aprova os Grupos e Procedimentos da Tabela do SIH-SUS, na área de Saúde Mental. Brasília, 1991.

GONÇALVES, A. et al. Oficinas terapêuticas: intervenção de enfermagem em um serviço de saúde mental infanto-juvenil. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**, Florianópolis, v. 8, n. 19, nov. 2016. Disponível em:<<http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/3382>>. Acesso em: 28 nov. 2017.

MENDONÇA, T. C. P. de. As oficinas na saúde mental: relato de uma experiência na internação. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 25, n. 4, p. 626-635, dez. 2005. Disponível em:<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932005000400011&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932005000400011&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 27 nov. 2017.

MERHY, E. E. A rede básica como uma construção da saúde pública e seus dilemas. In: MERHY, E. E.; ONOCKO, R. (Org.). **Agir em saúde: um desafio para o público**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1997. p. 197-228.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Depression and other common mental disorders: global health estimates**. Disponível em:<<http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/254610/1/WHO-MSD-MER-2017.2-eng.pdf?ua=1>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

## Entendendo e ensinando sobre Síndrome de Down

*Understanding and teaching about Down Syndrome*

**Adriano Baggio Nardes**<sup>1</sup>

**Mariana Balardino Bogado Faria**<sup>2</sup>

**Bruna Suzarte Campelo**<sup>3</sup>

**Sônia Regina Middleton**<sup>4</sup>

**Suely Rodrigues dos Santos**<sup>5</sup>

**Carmen Lucia Antão Paiva**<sup>6</sup>

### Resumo

O projeto tem como objetivos esclarecer e divulgar questões sobre os métodos clínicos e laboratoriais de diagnóstico da síndrome de Down (SD), no pré-natal e no pós-parto; abordando aspectos éticos e a relação dos profissionais com pessoas que possuem SD. Também será dada atenção às mães de bebês com SD, investigando-se os principais sentimentos manifestados por elas, durante e após o recebimento do diagnóstico de seu filho. Visa também analisar comparativamente as diferentes expressões de sentimentos das mães ao receber a notícia durante o pré-natal ou no momento do nascimento, além de investigar se o entendimento sobre a síndrome melhora após a leitura da cartilha produzida por nós intitulada “Entendendo a Síndrome de Down, 2017” (figura 1).

**Palavras-chave:** Síndrome de Down. Sentimentos das mães. Cartilha explicativa.

### Abstract

This project aims to clarify and promote discussion around the current clinical and laboratory methods of prenatal and postnatal diagnosis for Down's syndrome, its ethical aspects and how professionals should approach it. Furthermore, attention will also be given to the mothers, analyzing and comparing their major feelings experienced during and after the diagnosis, either prenatally or postnatally. Another aim is to investigate whether the syndrome understanding is improved after reading and comprehending our booklet entitled “Entendendo a Síndrome de Down” (figure 1)

**Keywords:** Down syndrome. Mother's feelings. Health professionals.

<sup>1</sup> Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) - Rio de Janeiro/RJ, Brasil.  
Estudante de medicina (EMC/UNIRIO)

e-mail: [adriano\\_nardes15@hotmail.com](mailto:adriano_nardes15@hotmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) - Rio de Janeiro/RJ, Brasil.  
Estudante de medicina (EMC/UNIRIO)

e-mail: [maribbf@gmail.com](mailto:maribbf@gmail.com)

<sup>3</sup> Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) - Rio de Janeiro/RJ, Brasil.  
Mestranda (PPGNEURO/UNIRIO)

e-mail: [lindinhasuzarte@gmail.com](mailto:lindinhasuzarte@gmail.com)

<sup>4</sup> Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) - Rio de Janeiro/RJ, Brasil.  
Docente (DGBM UNIRIO)

e-mail: [soniamidd@gmail.com](mailto:soniamidd@gmail.com)

<sup>5</sup> Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) - Rio de Janeiro/RJ, Brasil.  
Docente (DGBM UNIRIO)

e-mail: [surodosan@yahoo.com.br](mailto:surodosan@yahoo.com.br)

<sup>6</sup> Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) - Rio de Janeiro/RJ, Brasil.  
Docente (DGBM UNIRIO)

e-mail: [clapaiva1@gmail.com](mailto:clapaiva1@gmail.com)



No Brasil, segundo o Ministério da Saúde, a cada 600-800 nascidos vivos uma criança nasce com SD, tendo havido um aumento constante da expectativa de vida dessas pessoas desde o século XX. Essa estatística representa uma parcela significativa da população, ressaltando a importância do fornecimento de informações atualizadas aos pais e profissionais de saúde que terão contato com essas pessoas. Com isso, o Ministério da Saúde, criou diretrizes e recomendações de rastreio de patologias mais prevalentes na SD, a fim de orientar os profissionais da saúde (BRASIL, 2012).

Este projeto tem como objetivos realizar palestras, para estudantes da área da saúde que terão contato com SD no seu cotidiano profissional, assim como, divulgar e orientar os discentes como conduzi-las nos seus diferentes graus de necessidade.

Em paralelo à divulgação da Síndrome para os profissionais, desenvolvemos um projeto de pesquisa que aborda as mães de crianças diagnosticadas com essa síndrome, buscando compreender o impacto da notícia na vida dessas mulheres e a forma como as mesmas são orientadas durante esse período de descobertas e apreensões.

Conceituar SD é a primeira etapa para elucidar o que é esta condição, de forma a tornar a abordagem mais simplificada. A SD é um erro na distribuição dos cromossomos (“carga genética”), pelos fenômenos de não disjunção meiótica, não disjunção mitótica ou de uma translocação, na qual há a presença de um cromossomo 21 extra desde a fase intrauterina, gerando características específicas no indivíduo no longo da sua vida (BRASIL, 2012). Não se deve classificar como doença, pois o fato de pessoas terem SD não quer dizer que as mesmas possuam alteração ou desvio do seu estado de equilíbrio com o meio ambiente, como explicitado pelo Ministério da Saúde. A SD não representa condição de instabilidade que necessite de medidas terapêuticas para o seu controle, sendo um equívoco o uso de expressões como portadora ou acometida por SD.

A presença da trissomia do 21 determina algumas características fenotípicas inerentes à síndrome, porém não necessariamente presente em todos os indivíduos. Entre as características físicas podemos destacar: pregas palpebrais oblíquas voltadas para cima, união de sobrancelhas, base nasal plana, palato ogival, baixa implantação de orelhas, braquidactilia, hipotonia e frouxidão ligamentar (BRASIL, 2012; BULL, 2011). Os pacientes também podem apresentar deficiência intelectual de graus variáveis. Entre as patologias mais prevalentes, destacamos a perda auditiva (75% dos casos), o déficit visual (60%), a apneia do sono (50%), alterações cardíacas congênitas (40-50%), atresias gastrointestinais (12%), alteração na tireoide (4-18%) entre outras (BULL, 2011).

O exame clínico é suficiente para fechar o diagnóstico de SD quando há a observação dessas características fenotípicas no recém-nato, porém, mais precocemente, a triagem pré-natal pode ser realizada com uso de ultrassonografia (USG) e testes bioquímicos, e o diagnóstico pode ser confirmado pelos estudos de amostras colhidas das vilosidades coriônicas ou por amniocentese.

Para facilitar o entendimento sobre a síndrome, desde as características até o diagnóstico, o projeto desenvolveu uma cartilha ilustrativa e didática, sobre os principais aspectos da SD, para ser distribuída para pais e cuidadores de pessoas com SD. A figura 1 mostra a capa da cartilha. Outro ponto importante que deve ser destacado é o preconceito na sociedade e a maneira como esse modo de pensar afeta a percepção das famílias de crianças que têm o diagnóstico recente de SD confirmado (SUNELAITIS; ARRUD; MARCOM, 2007; MUSTACHI, 2009). Caso não haja um trabalho multiprofissional capacitado para atender as demandas das famílias, as incertezas, dúvidas e medos irão aumentar, dificultando a interação dos familiares e retardando o estímulo precoce do bebê, pois os pais devem adotar uma postura ativa para auxiliarem no desenvolvimento de seus filhos (SUNELAITIS; ARRUD; MARCOM, 2007; MUSTACHI, 2009).

A gravidez é uma época de grandes transformações emocionais na vida de uma mulher, é durante ela que o carinho e expectativas se desenvolvem nas mães e nos familiares. Sendo assim, Lebovici, em 1987 e 1995, afirmou que durante a gestação a mãe tende a criar um bebê imaginário,



que é fruto de sua imaginação diurna e depósito de expectativas e idealizações sobre a forma de ser e suas características, como também fruto de seus conflitos edípicos desde sua infância. O impacto reside quando o bebe imaginário é posto à prova com o nascimento do bebê real, ou quando o imaginário é quebrado, com a notícia durante a gravidez de que a criança possui SD (LEBOVICI, 1987, 1995).

Ao impacto da notícia que um bebê tem SD, podem ser notadas diferentes reações diante da notícia. Miller (1995), afirma que existem dois mecanismos de se lidar com o fato, enfrentando ou reagindo. “Enfrentar significa lidar com os problemas e avançar” superando assim os desafios com o menor gasto de energia possível; já na reação “ocorre um desgaste de energia, que diminui seu sentido de controle sobre sua vida”, gerando um misto de sensações como insegurança, medo, luto, raiva, impotência e culpa.

Tendo em vista o impacto emocional que as mães enfrentam é possível que se observe algumas reações de sobrevivência, tê-las não significa que a pessoa seja fraca ou que é um defeito de caráter, são apenas reações normais frente às adversidades (IERVOLINO, 2005). São elas: Choque, em que há a sensação que tudo a sua volta parece irreal, o corpo se torna mais letárgico, apresenta confusão mental e desorientação. Fadiga, representada pela sensação de fraqueza e vulnerabilidade transitórias. Luto, desamparo, solidão, tristeza e até mesmo depressão, que é um estagio crônico e incapacitante. Confusão, caos e incerteza. Medo excessivo. Culpa, a mãe se julga responsável pelo fato. Vergonha, por se sentir desconfortável com a situação e tentar escondê-la. Incerteza, medo de não ter capacidade de conseguir realizar as medidas necessárias. Raiva direcionada a uma pessoa -como médico ou marido- ou generalizada, a raiva pode ser manifestada ainda sobre a forma de inveja e ressentimento. Negação, mecanismo de autoproteção pode ser de dois tipos escolhida ou inconsistente. A inconsistente se manifesta por meio de incredulidade com fatos, não acreditando que são verdadeiros; já a escolhida é tentativa de evitar a verdade, como a ignorando (MILER, 1995).

Tendo em vista todos esses sentimentos e possíveis repercussões, torna-se imperioso que os profissionais de saúde que transmitem a notícia aos pais, adotem uma postura humana e ética acolhendo a família e dando toda informação adequada, compartilhando os saberes e estando sempre disponível para o diálogo (BRASIL, 2012). Essa atitude diminui as apreensões cultivadas pelos familiares sobre o futuro e a exclusão que essa criança possa ser submetida, por ser fora do padrão determinado e estabelecido social e culturalmente, que a rotula como incapaz para uma vida autônoma (TEMPSKI, 2011; SAMPAIO, 2012).

Para evitar que profissionais da saúde adotem um posicionamento distante por despreparo técnico-científico, é necessário a promoção do conhecimento. Tal atitude é resultado de um déficit na formação e nas qualificações profissionais (IERVOLINO, 2005).

A Diretriz de atenção à pessoa com SD determina que o profissional deverá ter um completo conhecimento sobre todos os aspectos genéticos e clínicos que envolvem a SD e as diretrizes do aconselhamento genético (BRASIL, 2012).

Baseando-se nesse contexto buscamos divulgar informações sobre a SD entre os futuros profissionais de saúde que deverão estar capacitados para atender essa parcela da população. Acreditamos que a graduação deva possibilitar um primeiro contato técnico com a complexidade que esse tema abrange, qualificando o profissional e garantindo a eficiência na sua abordagem de modo que tanto a primeira notícia, assim como a condução durante a vida, ocorram naturalmente.

E complementando nossos questionamentos elaboramos um projeto de pesquisa que além de investigar os principais sentimentos manifestados pela mãe durante e após o recebimento da notícia que seu filho tem SD, visa fazer uma análise comparativa entre as diferentes manifestações de sentimentos ao receber a notícia no pré-natal ou após o nascimento. Essa investigação será feita através de um questionário (tabela 1) com os principais sentimentos relatados no período de luto.

Quadro 1 - Questionário do projeto para as mães.

Responda com atenção as perguntas abaixo:

1) O diagnóstico foi realizado durante:

pré natal  após o nascimento

2) Se a resposta foi pré natal, em qual trimestre foi feito o diagnóstico?

1º trimestre  2º trimestre  3º trimestre

3) Qual idade tinha na gestação do bebê com síndrome de Down: \_\_\_\_\_ anos

4) Escolaridade:

Analfabeta  Ensino médio incompleto  Ensino superior incompleto

Ensino fundamental incompleto  Ensino médio completo  Ensino superior completo

Ensino fundamental completo

5) Dentre os quadros abaixo, qual manifestou?

Choque (tudo a sua volta parecia mentira, alguém notou lentidão em suas atitudes e/ou confusão ou desorientação)  Confusão, caos  Raiva direcionada a uma pessoa (como médico ou marido)

Fadiga (fraqueza e vulnerabilidade transitórias)  Medo excessivo  Raiva generalizada (pensamentos como “por que comigo?”)

Luto (desamparo e solidão)  Culpa (se julga responsável pelo fato)  Negação escolhida (prefere não pensar no problema e/ou adia)

Tristeza (não conseguia realizar tarefas do dia a dia)  Vergonha (tentou esconder o diagnóstico)  Negação inconsistente (acredita que o diagnóstico é errado, mesmo após confirmação)

Depressão (diagnosticada por algum profissional médico/psicólogo)  Incerteza (medo de não ter capacidade de conseguir cuidar da criança)  Outro(s): \_\_\_\_\_

6) Escreva abaixo o que desejar sobre seu primeiro sentimento ao ter a notícia:

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Responder as seguintes caso a descoberta tenha sido durante o pré-natal:

7) Houve algum intercorrência na gravidez:

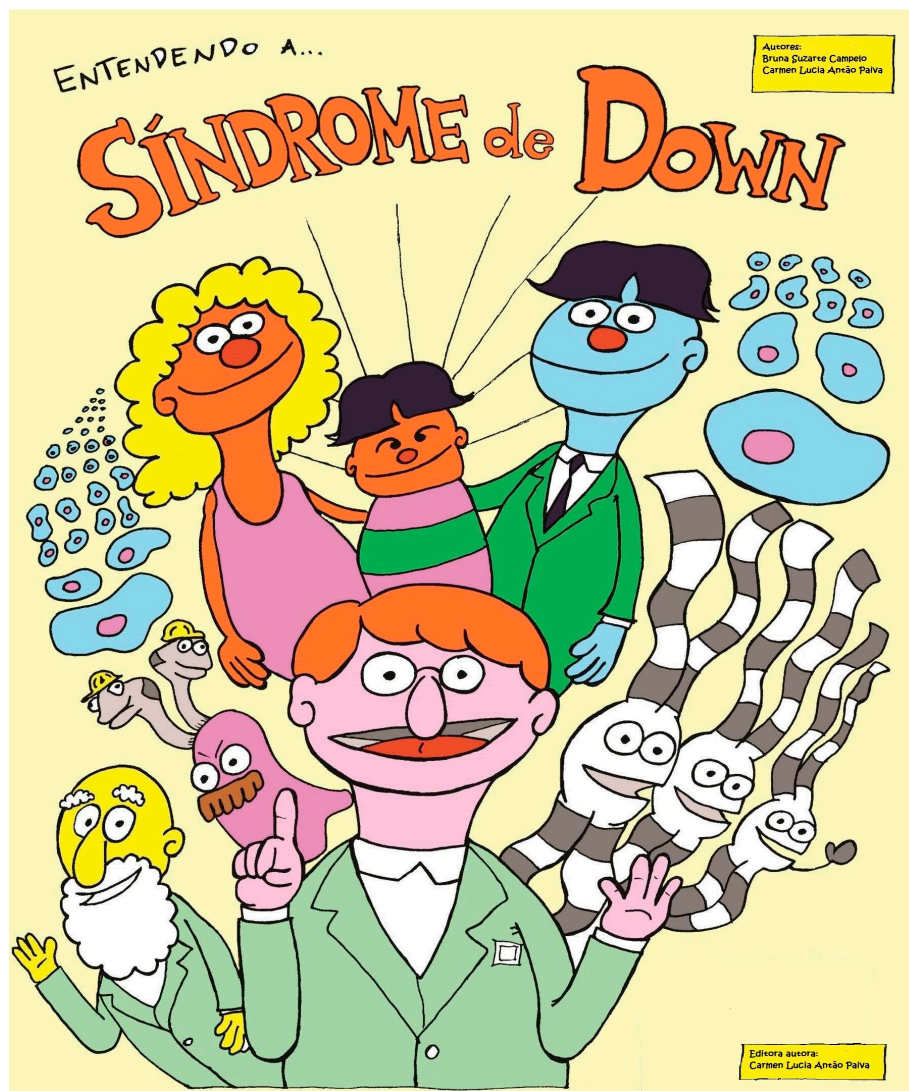
Sim  Não

8) Se sim, qual?

\_\_\_\_\_

Fonte: Os Autores (2017).

Figura 1 - Capa da cartilha entendendo a Síndrome de Down



Fonte: Paiva (2017).

## Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. **Diretrizes de atenção a pessoa com Síndrome de Down**. Brasília, 2012. Disponível em: <[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes\\_atencao\\_pessoa\\_sindrome\\_down.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_atencao_pessoa_sindrome_down.pdf)>. Acesso em: 18 nov. 2017.

BULL, M. J. Health supervision for children with down syndrome. The Committee on Genetics. **Pediatrics**, [S.l.], v. 128, n. 2, p. 393-406, Aug. 2011.

IERVOLINO, S. A. **Estudo das percepções, sentimentos e concepções para entender o luto de familiares de portadores da síndrome de Down da cidade de Sobral-Ceará**. 329 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública)-Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo; 2005.

LEBOVICI, S. **A mãe, o bebê e o psicanalista**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

LEBOVICI, S. Creativity and infant's competence. **Infant Mental Health Journal**, [S.l.], v. 16, n.

1, p. 10-15, Spring 1995.

MILLER, N. B. **Ninguém é perfeito**: vivendo e crescendo com crianças que têm necessidades especiais. São Paulo: Papirus, 1995.

MIRANDA A. L. P. L. et al. O Cuidado de enfermagem à pessoa com síndrome de down na estratégia saúde da família. **Revista de Enfermagem do Centro Oeste Mineiro**, São João del-Rei, MG, v. 4, n 2, p. 1076-1089, maio/ago. 2014. Disponível em:<<http://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-782561>>. Acesso em: 20 nov.2017.

MUSTACHI, Z. (Org.). **Guia do Bebê com Síndrome de Down**. São Paulo: Cromosete, 2009. v. 1. 112 p.

PAIVA, C. L. A. **Entendendo a Síndrome de Down**. Rio de Janeiro: [s.n.], 2017.

SAMPAIO, A. M. A síndrome de Down no contexto familiar e social. **Revista Eventos Pedagógicos**, Sinop, MT, v. 3, n. 1, p. 276-286, abril 2012. Disponível em:<<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/viewFile/544/357>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

SUNELAITIS, R. C.; ARRUDA, D. C.; MARCOM, S. S. A repercussão de um diagnóstico de síndrome de Down no cotidiano familiar: perspectiva da mãe. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo , v. 20, n. 3, p. 264-271, set. 2007 .

TEMPSKI, P. Z. et al. Protocolo de cuidado à saúde da pessoa com síndrome de Down - IMREA/HCFMUSP. **Acta Fisiátrica**, São Paulo, v. 18, n. 4, p. 175-186, 2011. Disponível em:<[http://www.actafisiatrica.org.br/detalhe\\_artigo.asp?id=12](http://www.actafisiatrica.org.br/detalhe_artigo.asp?id=12)>. Acesso em: 20 nov. 2017.

**Roda de conversa:  
multiplicando saberes para o enfrentamento da sífilis**

*Conversation circle:  
multiplying knowledge for coping with syphilis*

**Maria Beatriz de Assis Veiga<sup>1</sup>**  
**Beatriz Lima Pereira Leite<sup>2</sup>**  
**Marcelle Sampaio de Freitas Guimarães<sup>3</sup>**  
**Selma Villas BoasTeixeira<sup>4</sup>**  
**Leila Rangel da Silva<sup>5</sup>**

**Resumo**

Diante da atual epidemia de sífilis no Brasil e das repercussões que a infecção traz à saúde de indivíduos em diferentes fases do ciclo da vida faz-se necessário informar e envolver a população quanto à prevenção da sífilis, através de atividades educativas. Nesta perspectiva, o presente relato de experiência buscou descrever a atividade de educação em saúde que utilizou a roda de conversa para sensibilizar a comunidade da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro acerca da sífilis. Esta foi realizada na Semana de Integração Acadêmica em 2017, no campus da Reitoria e contou com 18 participantes. A atividade permitiu refletir sobre a prevenção e contágio da sífilis e possibilitou aos profissionais reverem suas práticas educativas e assistenciais.

**Palavras-chave:** Sífilis. Sífilis Congênita. Educação em saúde.

**Abstract**

Given the current epidemic of syphilis in Brazil and the repercussions that infection brings to the health of people in different phases of the life cycle, there is a need for reports and conditions for the prevention of syphilis through educational activities. In this perspective, the present report of experience sought to describe the activity of health education that used a conversation circle to sensitize the community of Federal University of the State of Rio de Janeiro about syphilis. This was done at the Week of Academic Integration in 2017, in the Rectory, with 18 participants. The activity allowed to reflect on the prevention and the contagion of syphilis and enabled professionals to review their educational and care practices.

**Keywords:** Syphilis. Congenital Syphilis. Health Education.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) - Rio de Janeiro/RJ, Brasil.  
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Biociências (UNIRIO)  
e-mail: maribi.v@uol.com.br

<sup>2</sup> Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) - Rio de Janeiro/RJ, Brasil.  
Discente de enfermagem, Bolsista de PIBEX (UNIRIO)  
e-mail: beatrizleite2709@gmail.com

<sup>3</sup> Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) - Rio de Janeiro/RJ, Brasil.  
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Biociências (UNIRIO)  
e-mail: marcelle\_sfg@hotmail.com

<sup>4</sup> Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) - Rio de Janeiro/RJ, Brasil.  
Docente do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil. Doutora em Enfermagem.  
e-mail: selma.villasboas@globo.com

<sup>5</sup> Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) - Rio de Janeiro/RJ, Brasil.  
Docente do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil. Doutora em Enfermagem.  
e-mail: rangel.leila@gmail.com



## **Introdução**

A sífilis é uma infecção causada pelo *Treponema pallidum*, que possui estágios baseados em manifestações clínicas e achados laboratoriais, a saber: sífilis primária (presença de úlceras e cancrs no local da infecção); secundária (surgimento de lesões monocutâneas e linfadenopatias); latente (ausência de sintomas, detectada por testes sorológicos); e terciária (acometimento do sistema cardiovascular, ósseo, tegumentar, entre outros). A bactéria pode infectar o sistema neurológico (neurosífilis) e pode ser transmitida por via transplacentária em gestantes infectadas não tratadas, ou inadequadamente tratadas, ao feto (sífilis congênita), podendo resultar em abortamento e má formação fetal (WORKOWSKI; BOLAN, 2015).

Estima-se a ocorrência de mais de um milhão de casos de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) por dia, mundialmente. Em 2016, no Brasil, foram notificados 87.593 casos de sífilis adquirida, 37.436 casos de sífilis em gestantes e 20.474 casos de sífilis congênita - entre eles, 185 óbitos. A maior proporção dos casos foi notificada na região Sudeste. O estado do Rio de Janeiro apresentou taxas de detecção de sífilis em gestantes e de incidência de sífilis congênita acima das nacionais (BRASIL, 2017).

Porém, ainda, acredita-se em uma subnotificação dos casos, considerando que os indivíduos desconhecem que tem a infecção por não manifestarem quaisquer sintomas, ou por esses desaparecerem mesmo sem tratamento. Dessa forma é necessário que o profissional de saúde tenha capacidade para diagnosticar a sífilis, diferenciando os seus sinais e sintomas de outras doenças.

Dada a importância e a magnitude da sífilis no Brasil, em especial no Rio de Janeiro, foi projetada uma atividade educativa itinerante nominada “Tenda da Sífilis” pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Leila Rangel da Silva e colaboradores, que integra o Projeto de Extensão Universitária – Educação em Saúde: Perspectivas no âmbito da saúde da mulher, coordenado pela Profa. Dra Selma Villas Boas Teixeira, aonde os graduandos de enfermagem e os membros do Núcleo de Pesquisa, Estudo, Experimentação em Enfermagem na Área da Mulher e da Criança (NuPP EMC), da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto (EEAP), informam a população-alvo sobre a sífilis, sua prevenção, transmissão, diagnóstico e tratamento; distribuem e ensinam como usar preservativos femininos e masculinos; expõe imagens que relacionam a infecção aos diferentes ciclos da vida dos indivíduos; realizam aconselhamento pré e pós Teste Rápido de Sífilis; fazem testagem rápida para sífilis.

Neste sentido, motivados pela oportunidade de trocar conhecimentos entre docentes, discentes e a comunidade local, as coordenadoras propuseram uma atividade intitulada “Roda de conversa sobre a Tenda da Sífilis” durante a 15<sup>a</sup> Semana de Integração Acadêmica da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), que também congregou os seguintes eventos: 11<sup>a</sup> Semana de Ensino de Graduação, 16<sup>a</sup> Jornada de Iniciação Científica, 22<sup>o</sup> Encontro de Extensão, 3<sup>a</sup> Jornada de Pós-Graduação e 2<sup>a</sup> Jornada de Educação a Distância.

A roda de conversa, remete a imagem de conversas informais, em que são partilhadas informalmente as alegrias e tristezas de cada um dos participantes sobre um determinado tema. O exercício da escuta e da fala, constitui-se em um momento singular de partilha, onde a construção do pensamento advém da interação com todos os participantes. É um método de participação coletiva que permite a discussão sobre uma temática, promovendo o diálogo com os sujeitos; esses expressam o que sabem e sentem, escutam seus pares e a si mesmos (MOURA; LIMA, 2014).

Logo, é um instrumento valioso para a produção de dados, permitindo compreender o sentido que o grupo oferece ao fenômeno estudado. Além, de ser uma atividade favorável em que a empatia entre os seus integrantes propicia a formação de vínculos, o que torna mais simples a troca de informação.

Mediante ao exposto, o objetivo deste relato de experiência é descrever a atividade de educação em saúde que utilizou a roda de conversa para sensibilizar a comunidade interna e externa à UNIRIO acerca da sífilis.

## Construindo a Roda de Conversa

A atividade ocorreu no hall do campus da Reitoria da UNIRIO, na manhã do dia 26 de Outubro de 2017, com duração de aproximadamente uma hora e meia, sob a coordenação de duas docentes integrantes do Projeto de Extensão, duas doutorandas do Curso de Pós-Graduação em Enfermagem e Biociências e uma aluna Bolsista PIBEX.

Foram utilizados como material de apoio: esteiras, suportes para banners, folders explicativos, placas de papel (Sim/Não), caderno de anotações, canetas hidrográficas, preservativo masculino e feminino, gel lubrificante, prótese masculina e feminina e instrumento para avaliação do conhecimento e comportamento relacionado à sífilis.

Os participantes eram a comunidade interna e externa que passavam pelos arredores da Universidade. A acomodação foi em cadeiras e em esteiras, com formato de círculo, o que proporcionou uma verdadeira roda, predominando a troca de informações e vivências, e facilitando o entrosamento (figura 1).

Figura 1 - A Roda de Conversa sobre a sífilis (UNIRIO, Outubro de 2017)



Foto: <https://journaldedados.wordpress.com> (2017).

Quanto a características dos participantes (18), eram homens e mulheres, com nível de escolaridade e ocupações distintas, tais como: graduandos do Curso de Nutrição, Enfermagem e História (8) e Pós-graduandas (2), docentes (2), funcionárias do serviço terceirizado (3), técnico administrativo (1) e avaliadoras da roda de extensão (2)

Vale Salientar que foram respeitados os aspectos éticos da pesquisa envolvendo seres humanos (CONSELHO..., 2012). Inicialmente, houve uma apresentação da dinâmica a ser realizada, foi explicitado o objetivo da atividade. Foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o questionário que integra a Pesquisa Institucional “Sífilis no Ciclo da Vida: Interfaces entre a saúde e a educação”, parecer CEP 2.213.742, com propósito de atender aos objetivos da roda de conversa.

## **Trocando saberes**

Após todos estarem acomodados, a atividade iniciou-se pela apresentação dos coordenadores e participantes, assinatura do livro de presença. Neste momento, todos os integrantes responderam a um questionário que continha indagações quanto ao perfil socioeconômico, conhecimento quanto a transmissão da sífilis, as práticas sexuais e suas formas de prevenção. Seguida por uma descrição acerca da doença, suas manifestações e repercussões negativas à saúde.

Após, emergiu por parte de um dos participantes, uma declaração que evidenciou a violação dos direitos a saúde, no que tange ao acesso aos serviços de saúde. Esta situação foi descrita pela angústia provocada em função da dificuldade de atendimento nas unidades de saúde. Fato que poderia retardar o diagnóstico da sífilis, conseqüentemente o seu tratamento, resultando em contaminação de outros indivíduos.

A partir desta etapa, foi aberta a discussão quanto à infecção e mediada pelas coordenadoras que tinham como objetivo garantir de forma igualitária a participação de todos, bem como atender aos critérios de estruturação da discussão.

Para atender aos objetivos da atividade, foi solicitado que cada participante falasse sobre o seu conhecimento acerca da infecção e suas formas de transmissão. Destaca-se que a abordagem sobre esses aspectos foram amplas, não se restringindo apenas a penetração vaginal, sexo oral e anal. Foram também discutidas outras formas de transmissão, como transfusão sanguínea e compartilhamento de agulhas e outros perfuros-cortantes.

Ao abordarmos as práticas de prevenção, foi demonstrada com material educativo, que simula o órgão sexual masculino e o feminino, a forma correta de utilização do preservativo feminino e masculino, com a participação dos integrantes da roda, conforme ilustra a figura 2.

Figura 2 - Demonstração do uso do preservativo masculino (UNIRIO, Outubro de 2017).



Foto: Arquivo do Projeto de Extensão Universitária (2017).

Em outro momento da dinâmica, as mediadoras fizeram questionamentos aos participantes acerca da temática e as respostas eram manifestadas por todos os integrantes da roda de conversa, incluindo as mediadoras, por meio de placas com mensagens - SIM ou NÃO, de acordo com a figura 3. Esta estratégia possibilitou identificar o conhecimento adquirido por parte dos participantes ao final da dinâmica e retirar dúvidas quanto o conteúdo do questionário de conhecimento.

Figura 3 - Dinâmica de Perguntas e Respostas (UNIRIO, Outubro de 2017).



Foto: <https://journaldedados.wordpress.com> (2017).

Em seguida, foram distribuídos folders para posterior leitura e distribuição nos demais espaços sociais, com intuito de promover maior conhecimento aos participantes.

A distribuição de preservativos masculinos e femininos, além dos lubrificantes, terminou por possibilitar a discussão acerca da dificuldade do uso entre a população geral. Este assunto trouxe à tona as questões de gênero, que fazem com que as mulheres fiquem vulneráveis frente às IST, especialmente as que vivenciam a violência de gênero perpetrada por parceiro íntimo. Esta situação impossibilita a negociação do uso do preservativo com seus parceiros.

O preservativo feminino foi manipulado pelos participantes. Algumas mulheres e o único homem presente confessaram não terem conhecimento sobre a existência desse produto. Na roda de conversa, as coordenadoras enfatizaram que esse método representa uma possibilidade de autonomia para às mulheres, uma vez que não necessitam negociar o uso desse preservativo com os parceiros sexuais. Portanto, previne da contracepção indesejada e de infecções sexualmente transmissíveis.

### **Formando agentes multiplicadores**

Os dados epidemiológicos da sífilis relatados durante a dinâmica proporcionou perplexidade entre os participantes. Este sentimento foi relevante para sensibilizar a respeito dos fatores de risco para contrair a infecção e as possíveis formas de prevenção.

Quanto ao conhecimento individual adquirido durante a atividade quanto às formas de prevenção e transmissão da sífilis, da identificação dos seus sinais e sintomas, e formas de diagnosticá-la e tratá-la, cada integrante saiu com o compromisso de multiplicar a informação entre seus pares e divulgar o aprendizado, seja em seus domicílios ou outros espaços sociais.

Entre os participantes tinha uma gestante no terceiro trimestre, e sua presença foi fundamental para sensibilizar os integrantes quanto ao direito das crianças brasileiras de terem condições saudáveis para o seu nascimento, crescimento e desenvolvimento, que podem ser comprometidos pela infecção das mulheres pela sífilis, durante o período gestacional.

Para Santos et. al. (2014), o papel das escolas, dos serviços de saúde e das Universidades deve subsidiar novas práticas, preencher lacunas, contribuindo para reduzir as vulnerabilidades na área da



saúde através de um clima de diálogo, trocas de experiências e apoio, visto que “o aprendizado é um encontro de afetividade, de saberes e de doação” (op.cit., p.74).

A atividade além de trazer a responsabilidade social de cada integrante no intuito de maximizar as informações abordadas, também proporcionou maior reflexão pelos integrantes quanto as ações nos serviços de saúde e suas próprias práticas assistenciais, o que certamente refletirá nas suas atitudes frente as adversidades.

### **Notoriedade na semana de integração acadêmica**

A roda de conversas teve sua relevância na semana de integração acadêmica promovida pela UNIRIO, sendo esta atividade premiada como a melhor apresentação na modalidade Roda de Conversa. Além da divulgação no site denominado Journal de Dados.

### **Considerações Finais**

A atividade foi válida, pois além de orientar a população quanto as formas de prevenção e contágio da sífilis, possibilitou aos profissionais reverem suas práticas educativas e assistenciais, bem como promoveu o envolvimento dos participantes na luta contra a sífilis, assumindo publicamente o compromisso de serem multiplicadores do conhecimento em seus espaços sociais.

### **Referências**

BRASIL. Secretaria de Vigilância em Saúde. Sífilis 2017. **Boletim epidemiológico**, Brasília, v. 48, n. 36, 2017.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (Brasil). **Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012**. Define as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília, 2012.

MOURA, A. F. M.; LIMA, M. G. A reinvenção da roda: roda de conversa: um instrumento metodológico possível. **Revista temas em Educação**, João Pessoa, v. 23, n.1, p.98-106, jan./jun. 2014.

SANTOS, N. R. Z. et al. Formação de universitários multiplicadores: ações extensionaistas no cenário escolar e comunitário no município de São Gabriel, RS. Rio de Janeiro: **Raízes e Rumos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 69-75, jan./jun. 2014.

WORKOWSKI, K. A.; BOLAN, G. A. Sexually transmitted diseases treatment guidelines. **Morbidity and Mortality Weekly Report**, Atlanta, v. 64, n. 3, p. 45-49 , 2015.